



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**



**ALYSON SOUTO DINIZ VILELA**

**Processos de ressilabificação do francês por falantes nativos do português  
brasileiro: uma análise sob a ótica da Teoria da Otimidade**

**João Pessoa - PB**  
**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ALYSON SOUTO DINIZ VILELA**

**Processos de ressilabificação do francês por falantes nativos do português  
brasileiro: uma análise sob a ótica da Teoria da Otimidade**

Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Linguística da  
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira

**João Pessoa – PB  
Agosto 2010**

**ALYSON SOUTO DINIZ VILELA**

**Processos de ressilabificação do francês por falantes nativos do português brasileiro: uma análise sob a ótica da Teoria da Otimidade**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Dissertação aprovada em: 30 de agosto 2010.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Dermaval da Hora Oliveira (Orientador) UFPB

---

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena UFPB

---

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa UFPB

**VILELA, A. S. D.** *Processos de ressilabificação do francês por falantes nativos do português brasileiro: uma análise sob a ótica da Teoria da Otimidade*. João Pessoa, 2009. 77 fls. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

### **Resumo**

O português brasileiro é bastante restritivo no que diz respeito à sua estrutura silábica. Este fato leva o falante nativo desta língua a fazer ressilabificações ao falarem certas línguas estrangeiras, dentre elas o francês, que permite certas estruturas proibidas no português brasileiro. Este trabalho analisa como isto ocorre com falantes brasileiros de língua francesa, no momento em que surgem certos ataques complexos e certas codas. Esta análise é feita sob a ótica da Teoria da Otimidade, proposta em 1993 por Prince e Smolensky, com base no Gerativismo, segundo a qual as línguas são formadas por uma infinidade de restrições hierarquicamente organizadas e o que diferencia uma língua da outra é seu ranqueamento. A análise mostrou que as restrições referentes aos ataques complexos e às codas estão em maior grau hierárquico no português brasileiro do que no francês, o que levou todos os pesquisados, com maior ou menor frequência, a realizar ressilabificações na língua francesa. Mostrou ainda que o falante do português brasileiro recorre a apagamentos e epênteses como estratégias de ressilabificação, sendo esta última, notoriamente, a mais recorrente. Concluiu, por fim, que o falante brasileiro tem mais facilidade a adaptar-se à pronúncia francesa das codas do que dos ataques complexos.

**Palavras-chave:** ataque complexo; coda; português brasileiro; francês; Teoria da Otimidade.

**VILELA, A. S. D.** *Procès d'adaptation syllabique du français par les locuteurs natifs du portugais brésilien : une analyse sous l'optique de la Théorie de l'Optimalité.* 2009. Mémoire de Master présenté au Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

## Résumé

Le portugais brésilien est assez contraignant quant à sa structure syllabique. Cela conduit les locuteurs natifs de cette langue à faire des adaptations syllabiques lorsqu'ils parlent certaines langues étrangères, comme le français, qui permet des structures interdites en portugais brésilien. Ce travail analyse comment cela se produit chez les locuteurs brésiliens de langue française, quand surgissent certaines attaques complexes et certaines codas. L'analyse est faite dans l'optique de la Théorie de l'Optimalité, proposée en 1993 par Prince et Smolensky, théorie basée sur le Gérativisme et selon laquelle les langues sont formées d'une grande quantité de contraintes hiérarchiquement ordonnées et ce qui différencie une langue d'une autre, c'est l'ordre selon lequel ces contraintes s'organisent. L'analyse a montré que les contraintes concernant les attaques complexes et les codas en portugais brésilien ont une position hiérarchiquement supérieure à celle des mêmes contraintes en langue française, ce qui a conduit tous les locuteurs étudiés à faire, plus ou moins fréquemment, des adaptations syllabiques en français. Elle a montré encore que le locuteur de portugais brésilien utilise, comme stratégies d'adaptation syllabique, l'effacement et l'épenthèse, cette dernière étant la plus fréquente. L'analyse a conclu, enfin, que le locuteur brésilien a plus de facilité à s'adapter à la prononciation française des codas qu'à celle des attaques complexes.

**Mots-clés :** attaque complexe; coda; portugais brésilien; français; Théorie de l'Optimalité.

Dedico esta dissertação aos meus pais, que, além de todo o amor que me deram, sempre foram engajados em dar e fazer que me fosse dada uma boa educação, como meio necessário para o meu crescimento pessoal.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, pela orientação desta dissertação, preciosa para me guiar na direção certa da pesquisa e das leituras que me trouxeram até aqui, bem como ainda durante a graduação, quando foi meu professor de fonologia, o que intensificou meu interesse na área.

Ao Prof. Dr. Rubens Lucena, cuja tese de doutorado foi determinante para a escolha do tema deste trabalho, assim como pelas horas que me disponibilizou para me ajudar nos muitos momentos em que recorri à sua ajuda.

À minha grande amiga, Profa. Ms. Ana Carla Vogeley, que levantou importantes questões a respeito deste trabalho, que me levaram a observar a importância de determinados temas que me passavam despercebidos, assim como me estimulou nos momentos difíceis que tive que enfrentar neste período.

Ao Prof. Dr. José Magalhães, que, mesmo à distância, se mostrou solícito em me ajudar em diversas questões a respeito da Teoria da Otimidade. Através dele, tomei gosto pela teoria.

A todos os informantes, que me dedicaram seu tempo voluntariamente e sem os quais este trabalho não teria validade alguma.

A Jean Tessier, professor da Aliança Francesa de João Pessoa, por corrigir o texto do resumo em língua francesa.

A Mikael de la Fuente, diretor da Aliança Francesa, por ceder as dependências da instituição para a realização da pesquisa.

À minha grande amiga Sara Agnès, que se dispôs a gravar comigo a entrevista piloto.

Aos professores e funcionários da secretaria da Aliança Francesa que me ajudaram a selecionar os informantes para a pesquisa.

À minha amada Marielle, por ter sido minha confidente e apoiadora nas horas em que as dificuldades quiseram me fazer parar.

À minha mãe, que leu e releu incontáveis vezes esta dissertação, observando desde falhas pequenas a questões importantes de texto que me passaram despercebidas e, além disso, me deu apoio moral e me pressionou em algumas ocasiões em que me vi desestimulado a prosseguir. Pressão cuja importância, no momento, eu não soube reconhecer, mas hoje vejo o resultado.

Ao meu pai, pelo carinho que me dedicou nos momentos em que me viu sobrecarregado e fez o que estava ao seu alcance para que eu me sentisse mais tranquilo e pudesse retomar forças para continuar.

A todos aqueles que, seja através de conselhos, sugestões, apoio moral ou material fizeram com que este sonho pudesse se tornar realidade.

## Lista de Quadros

Quadro 01 : Primeira série de leituras .....	22
Quadro 02 : Segunda série de leituras .....	22
Quadro 03 : Terceira série de leituras .....	23
Quadro 04: Quarta série de leituras.....	23
Quadro 05: Demonstrativo de estruturas silábicas.....	36
Quadro 06: Os ataques complexos possíveis no PB .....	42
Quadro 07: As codas possíveis no PB.....	42
Quadro 08: Alofones do rótico na coda em PB.....	46
Quadro 09: Os ataques complexos possíveis no francês.....	49
Quadro 10: As codas possíveis no francês .....	50

## Lista de Figuras

(01): Estrutura da sílaba (modelo de Kahn) .....	37
(02): Estrutura da sílaba (modelo de Selkirk) .....	38
(03): Inserção do CVC ao modelo de Selkirk .....	38
(04): Sílaba sem ataque .....	38
(04): Sílaba sem coda .....	38
(06): Sílaba apenas com núcleo .....	38
(07): Sílaba com ataque e coda .....	39
(08): Sílaba sem ataque .....	39
(09): Sílaba sem coda .....	39
(10): Sílaba apenas com núcleo .....	39
(11): Sílaba com ataque complexo .....	40
(12): Sílaba com núcleo ramificado .....	40
(13): Sílaba com coda complexa .....	40
(14): Sílaba com uma mora .....	41
(15): Sílaba com duas moras .....	41
(16): Sílaba com três moras .....	41
(17): Adaptação de ataques do inglês ao PB .....	43
(18): Adaptação de ataques do latim ao PB .....	43
(19): Acréscimo de epêntese a ataque complexo .....	44
(20): Trapézio das vogais francesas .....	48
(21): Consoantes e semivogais francesas .....	48

## Lista de *Tableaux*

Tableau 01: Representação de uma análise na Teoria da Otimidade (duas restrições) .....	52
Tableau 02: Representação de uma análise na Teoria da Otimidade (quatro restrições) .....	52
Tableau 03: Análise com restrições de igual valor .....	53
Tableau 04: Limitação harmônica .....	53
Tableau 05: Análise restrições *COMPLEX-ONS e DEP-IO .....	55
Tableau 06: Análise restrições usando os padrões da língua francesa .....	55
Tableau 07: Análise da palavra francesa <i>psychiatre</i> falada por um nativo do PB brasileiro ...	56
Tableau 08: <i>Input</i> o ataque /pS/ .....	57
Tableau 09: Ataques complexos formados por obstruinte seguida de líquida .....	58
Tableau 10: <i>Input</i> /sob/ .....	58
Tableau 11: <i>Output</i> [pas] .....	59
Tableau 12: Palavra “latex” .....	59
Tableau 13: <i>Output</i> observado na língua francesa .....	60
Tableau 14: Análise da palavra <i>petite</i> .....	61
Tableau 15: Análise da palavra <i>dextre</i> .....	61
Tableau 16: Palavra <i>scolarité</i> com a hierarquia reinante no PB .....	69
Tableau 17: Demoção das restrições ( <i>scolarité</i> ) .....	70
Tableau 18: Raqueamento do PB ( <i>objet</i> ) .....	71
Tableau 19: Raqueamento do francês ( <i>objet</i> ) .....	72

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Resultado geral para ataques complexos .....	63
Gráfico 2: Ataques complexos em início de frase .....	63
Gráfico 3: Ataques complexos no meio da frase.....	63
Gráfico 4: Ataques complexos – Grupo 1 .....	64
Gráfico 5: Ataques complexos – Grupo 2 .....	64
Gráfico 6: Ataques complexos – Grupo 3 .....	65
Gráfico 7: Ataques complexos – Grupo 4 .....	65
Gráfico 8: Resultado geral para codas.....	66
Gráfico 9: Resultados de leituras com codas no final da frase.....	66
Gráfico 10: Resultados de leituras com codas no meio da frase .....	67
Gráfico 11: Codas – Grupo 1 .....	67
Gráfico 12: Codas – Grupo 2 .....	68
Gráfico 13: Codas – Grupo 3 .....	68
Gráfico 14: Codas – Grupo 4 .....	68

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TO – Teoria da Otimidade

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

C – Consoante

V – Vogal

PB – Português brasileiro

# ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

## THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 1993)

### CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			r					ʀ		
Tap or Flap				ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

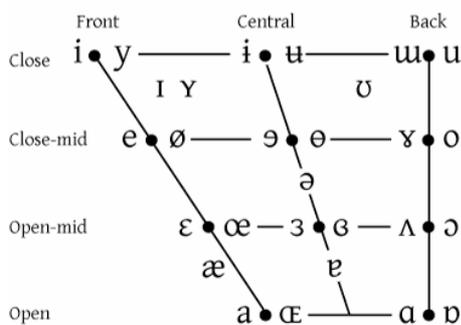
### CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
⊙ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ as in:
ɮ Dental	ɗ Dental/alveolar	ɸ' Bilabial
ɥ (Post)alveolar	ɟ Palatal	t' Dental/alveolar
ɥ Palatoalveolar	ɠ Velar	k' Velar
ɮ Alveolar lateral	ɣ Uvular	s' Alveolar fricative

### SUPRASEGMENTALS

	TONES & WORD ACCENTS
	LEVEL
ˈ Primary stress	ˈ founəˈtɪʃən
ˌ Secondary stress	ˌ
ː Long	eː
ˑ Half-long	eˑ
◌̥ Extra-short	e̥
◌̩ Syllable break	ai.ækt
◌̯ Minor (foot) group	e̯
◌̰ Major (intonation) group	ḛ
◌̰ Linking (absence of a break)	ḛ
	↓ Downstep
	↑ Upstep
	↗ Global rise
	↘ Global fall
	↖ Rising
	↘ Falling
	↗ High rising
	↘ Low rising
	↗ Rising-falling etc.

### VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel

### OTHER SYMBOLS

M Voiceless labial-velar fricative	ɕ Alveolo-palatal fricatives
W Voiced labial-velar approximant	ɺ Alveolar lateral flap
ɥ Voiced labial-palatal approximant	ɥ Simultaneous ʃ and X
H Voiceless epiglottal fricative	Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary
ɸ Voiced epiglottal fricative	
ʕ Epiglottal plosive	

k̟p̟ t̟s̟

### DIACRITICS

◌̥ Voiceless	◌̤ Breathy voiced	◌̦ Dental
◌̦ Voiced	◌̧ Creaky voiced	◌̨ Apical
◌̨ Aspirated	◌̩ Linguolabial	◌̪ Laminal
◌̩ More rounded	◌̪ Labialized	◌̫ Nasalized
◌̪ Less rounded	◌̫ Palatalized	◌̬ Nasal release
◌̫ Advanced	◌̬ Velarized	◌̭ Lateral release
◌̬ Retracted	◌̭ Pharyngealized	◌̮ No audible release
◌̭ Centralized	◌̮ Velarized or pharyngealized	
◌̮ Mid-centralized	◌̯ Raised	
◌̯ Syllabic	◌̰ Lowered	
◌̰ Non-syllabic	◌̱ Advanced Tongue Root	
◌̱ Rhoticity	◌̲ Retracted Tongue Root	

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	20
1.1 Fenômeno estudado .....	20
1.2 Perfil de amostra da Pesquisa .....	20
1.3 Procedimentos Metodológicos .....	21
<b>CAPÍTULO 2 : ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DE FALANTES NÃO- PROFICIENTES DA L2</b> .....	30
2.1 Interferências dos padrões da L1 sobre a L2 : uma visão panorâmica.....	30
2.1.1 <i>Interferência da L1 na percepção e realização dos sons da L2</i> .....	30
2.1.2 <i>Teoria da Acomodação da Comunicação</i> .....	31
2.1.3 <i>Interlíngua</i> .....	32
2.2 Participação da L1 no processo de ensino-aprendizagem da L2 .....	34
2.3 Abandono dos padrões da L1 e adoção dos padrões da L2.....	34
<b>CAPÍTULO 3 : A SÍLABA</b> .....	36
3.1 Estrutura silábica .....	37
3.2 Unidades de Duração .....	40
3.3 A sílaba no português brasileiro .....	42
3.3.1 <i>Ataques complexos</i> .....	43
3.3.1.1 <i>Princípio da Sonoridade</i> .....	44
3.3.2 <i>Codas</i> .....	45
3.3.2.1 <i>Consoante lateral</i> .....	45
3.3.2.2 <i>Róticos</i> .....	46
3.3.2.3 <i>Fricativas coronais</i> .....	46
3.3.2.4 <i>Nasais</i> .....	47
3.4 Fonologia do francês .....	47
3.4.1 <i>Fonemas da língua francesa</i> .....	48
3.4.1.1 <i>Sistema vocálico</i> .....	48
3.4.1.2 <i>Sistema consonantal e semi-vogais</i> .....	48
3.5 Sílaba do francês.....	49
<b>CAPÍTULO 4 : TEORIA DA OTIMIDADE</b> .....	51
4.1 Aspectos iniciais.....	51
4.1.1 <i>Limitação harmônica</i> .....	53
4.1.2 <i>As restrições</i> .....	53
4.1.3 <i>Relação de estringência</i> .....	54
4.2 A sílaba do PB na perspectiva da TO .....	57
4.2.1 <i>Ataques complexos</i> .....	57
4.2.2 <i>Codas</i> .....	58
4.3 A sílaba do francês na perspectiva da TO.....	60
4.3.1 <i>Ataques Complexos</i> .....	60
4.3.2 <i>Codas</i> .....	61

<b>CAPÍTULO 5 : PROBLEMAS APRESENTADOS POR FALANTES BRASILEIROS DIANTE DO PADRÃO SILABICO FRANCES</b> .....	62
<b>5.1 Análise de Dados</b> .....	62
<i>5.1.1 Considerações Preliminares</i> .....	62
<i>5.1.2 Ataques Complexos</i> .....	62
<i>5.1.3 Codas</i> .....	66
<i>5.1.4 Demoção das Restrições</i> .....	69
<i>5.1.4.1 Ataques Complexos</i> .....	69
<i>5.1.4.2 Codas</i> .....	70
<b>CONCLUSÃO</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
<b>ANEXOS</b> .....	78

## INTRODUÇÃO

Quando se estuda a sílaba no português brasileiro (doravante PB), tem-se a dimensão do caráter restritivo com relação ao que é aceitável e ao que não o é para se ter uma sílaba bem formada. Diferentemente de línguas como o francês, o inglês ou o alemão, o PB evita padrões silábicos marcados (como ataques complexos ou codas)<sup>1</sup>. Assim sendo, costuma ocorrer uma notória transferência desses padrões para a língua estrangeira por parte do falante brasileiro.

Enquanto a língua francesa é bastante permissiva, admitindo ataques complexos como na palavra *sport* [spɔ:r], o PB é restritivo, o que induzirá um falante brasileiro da língua francesa a pronunciar a mesma palavra como [is.pɔ:r], evitando, através da formação de uma nova sílaba, a existência de um ataque complexo. Prova ainda maior disto é a própria palavra portuguesa, iniciada com vogal, “esporte”, adaptação do inglês *sport* (de acordo com o Michaelis, 2000). Para Cardoso e Denis (2009) o PB apenas aceita, como ataques complexos, a sequência obstruinte + líquida (e, mesmo assim, não todas), o que resulta nos ataques: /pr/, /tr/, /kr/, /br/, /dr/, /gr/, /fr/, /vr/, /pl/, /tl/, /kl/, /bl/, /gl/, /fl/, /vl/<sup>2</sup>.

Também, no caso de codas como *d* na palavra “advertência”, há presença de uma epêntese, para evitar a coda, realizando-se assim a[div]ertência, diferentemente da língua francesa, onde se realizará a palavra (advertence) sem a epêntese (a[dv]ertence).

O PB tem uma clara preferência por sílabas no padrão CV (consoante-vogal), podendo, em certos casos, ter sílabas V, VC, CVC, CCVC, sendo raras formações como CVCC e inexistentes codas mais ramificadas que esta última (assim como não existem sílabas CCCV). E, além disso, são permitidos apenas /N/, /L/, /S/ e /R/ como codas.

Assim sendo, observa-se que o falante brasileiro tem tendência à epêntese (COLLISCHONN, 1999, SCHWINDT & SCHNEIDER, 2009) (ou apagamento, em alguns casos) quando ocorrem certos ataques complexos e certas codas na língua francesa em algumas posições da frase.

O objetivo deste trabalho é analisar a ocorrência desse fenômeno em estudantes brasileiros de língua francesa e a diferença entre estudantes de diferentes estágios de contato com a língua.

<sup>1</sup> Entende-se por padrão marcado aquele que ocorre com menor frequência nas línguas. Por exemplo: a tendência de uma sílaba é de que, até a chegada do núcleo, haja um aumento na sonoridade. Sílabas como [nga] (típicas de várias línguas africanas) são consideradas marcadas, pois houve queda na sonoridade ([n] é mais sonoro do que [g]). Na língua portuguesa, temos, por exemplo, a sílaba *ad* em *advertência*, que é mais marcada do que a sílaba *ca* em *casa*, pelo fato de possuir uma coda. Podemos, assim, afirmar que *ad* segue um padrão marcado, enquanto *ca*, um padrão não-marcado.

<sup>2</sup> existe no PB por empréstimos, como o nome Vladimir (nome eslavo).

Temos, como objetivos específicos: analisar detalhadamente quais estratégias de ressilabificação serão usadas; explicar o fenômeno sob a ótica da Teoria da Otimidade; sensibilizar os profissionais do ensino de língua estrangeira à necessidade de dar maior atenção à fonética.

Para tanto, há algumas questões que tentaremos responder ao longo deste estudo. Por que, tendo o francês e o PB tantos fonemas em comum, encontramos diversas situações em que o falante deste não os realiza como o nativo francês? O que impede o PB de ter uma fonotática com o nível de complexidade da fonotática francesa? Em que isso influencia o aprendiz brasileiro de língua francesa no desempenho desta?

Levantamos também a questão “O que se pode fazer em sala de aula para aproximar a fala de um aprendiz de língua estrangeira da de um nativo ao máximo possível?”, que não será respondida por nós, mas esperamos deixar um caminho aberto, contribuindo para estudos posteriores que, porventura, tencionem respondê-la.

Pela Teoria da Otimidade (TO), proposta em 1993 por Prince e Smolensky, pretendemos mostrar como a diferença no ranqueamento de restrições age nessas situações e como elas podem ser renegociadas à medida que se aprofunda o contato do falante com a língua francesa. Através da TO, pode-se dar conta do fenômeno acima mencionado. Esta teoria vê a língua como um conjunto de restrições violáveis hierarquicamente organizadas, através das quais será feita uma análise dentre vários candidatos. Aquele que violar as restrições mais baixas será selecionado como o candidato ótimo. Assim, comparando-se o ranqueamento das restrições em ambas as línguas, pode-se chegar à compreensão do fenômeno. Através de gravações de leituras dirigidas, analisaremos como os falantes do PB tendem a ressilabificar ataques complexos e codas no francês.

Nossa primeira hipótese é de que há uma tendência muito forte por parte do falante à ressilabificação, na maioria das vezes, através de epêntese. Entretanto, no caso dos ataques complexos, a ocorrência de ressilabificações é bem maior do que no caso das codas. Nossa segunda hipótese é de que, quanto mais tempo de estudo da língua, menor será o contingente de ressilabificações.

No Capítulo 1, trataremos dos aspectos metodológicos deste trabalho, como objeto de estudo, perfil de amostra e procedimentos.

No Capítulo 2, abordaremos algumas estratégias utilizadas por aprendizes de segunda língua (doravante L2) para obter melhor desempenho e teceremos um breve comentário sobre o processo de ensino e aprendizagem.

No Capítulo 3, falaremos sobre a sílaba, sua estrutura e diferentes padrões possíveis. Esse capítulo é dividido em seções, onde são tratadas a sílaba na língua portuguesa e a sílaba na língua francesa.

No Capítulo 4, daremos uma visão geral sobre a Teoria da Otimidade e alguns aspectos que serão usados neste trabalho. Nesse mesmo capítulo, falaremos sobre a sílaba no PB e a sílaba no francês na perspectiva da TO.

No Capítulo 5, analisaremos os dados coletados. É analisado o comportamento do falante nativo do PB, ao ler frases em francês contendo ataques complexos e codas. Observamos, ainda, a capacidade de demorção de restrições por parte do falante, a fim de adaptar-se ao padrão silábico da língua francesa. Por fim, serão feitas as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS**

### **1.1 Fenômeno estudado**

Nosso fenômeno é a realização de ataques complexos e algumas codas do francês por falantes de língua portuguesa. Nossa principal hipótese é que, em determinados casos, haverá inserção de epêntese, devido ao fato de que o PB aceita menos ataques complexos e menos codas do que o francês.

Acreditamos que, à medida que o falante aumenta seu contato com a língua, a tendência é que a quantidade de epênteses diminua. Não obstante, a acuidade auditiva do aprendiz, bem como sua capacidade articulatória também exercem um papel importante. De qualquer maneira, na fala de um estudante proficiente, é bastante improvável que as ressilabificações desapareçam completamente, o que mostra que o falante faz um ranqueamento flutuante das restrições entre língua materna (doravante L1) e língua alvo.

É possível, certamente, que falantes que têm o mesmo tempo de estudo da língua alvo a desempenhem de maneira mais ou menos próxima do desempenho do falante nativo. Observamos que, mesmo com maior tempo de estudo, não se constata 100% de realizações iguais às do nativo. Ratificamos o que afirma Silva (2007), que o falante de L2 tem como refinar seu sotaque, mas dificilmente falar exatamente como o nativo.

### **1.2 Perfil da Amostra da Pesquisa**

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram selecionados oito alunos da Aliança Francesa de João Pessoa, por horas de aula cursadas, sendo:

- Dois que cursaram 50 horas, que foram denominados Estudante 1a e Estudante 1b. Juntos, formam o Grupo 1;
- Dois que cursaram 100 horas, denominados Estudante 2a e Estudante 2b, formando o Grupo 2;
- Dois que cursaram 150 horas, sob os nomes de Estudante 3a e Estudante 3b, compondo o Grupo 3;

- Dois que cursaram 200 horas, aos quais chamamos de Estudante 4a e Estudante 4b e que, juntos, compõem o Grupo 4.

### 1.3 Procedimentos Metodológicos

Aos participantes do estudo foram apresentados doze arquivos no Microsoft Power Point, sendo quatro séries de leituras, contendo:

#### Série I

- **Primeiro arquivo:** treze *slides*, sendo onze começando com palavras iniciadas em ataques complexos e dois com palavras de característica diferente, a fim de evitar que o pesquisado perceba o objeto de análise. As frases estão transcritas no quadro 1;
- **Segundo e terceiro arquivos:** os mesmos *slides* do primeiro arquivo, sendo que em ordem diferente<sup>3</sup>;

#### Série II

- **Quarto arquivo:** treze *slides*, sendo onze com ataques complexos no meio da frase e dois sem ataques complexos. Constam as frases transcritas no quadro 2;
- **Quinto e sexto arquivos:** os mesmos *slides* do quarto arquivo, sendo que em ordem diferente;

#### Série III<sup>4</sup>

- **Sétimo arquivo:** 42 *slides*, sendo 36 com palavras terminadas em coda, posicionadas no final da frase e seis com palavras de característica diferente. Constam as frases transcritas no quadro 3;
- **Oitavo e nono arquivos:** os mesmos *slides* do sétimo arquivo, sendo em ordem diferente;

---

<sup>3</sup> São repetidas as frases em três arquivos diferentes para dar mais credibilidade. Ao ler três vezes, há certeza de que o resultado não foi coincidência. A mudança de ordem é feita para que o participante não decore as informações dos *slides*.

<sup>4</sup> Na análise dos dados, decidimos desconsiderar todas as frases cuja coda era um dos arquifonemas aceitos no PB. Assim, nos quadros, há frases que, em momento posterior, foram retiradas do estudo.

#### Série IV

- **Décimo arquivo:** 46 *slides*, sendo 40 com palavras terminadas em coda, posicionadas no meio da frase e seis com palavras de característica diferente. As frases estão transcritas no quadro 4;
- **Décimo primeiro e décimo segundo arquivos:** os mesmos *slides* do décimo arquivo, sendo em ordem diferente.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sport pour tout le monde.</li> <li>• Studio pour tout le monde.</li> <li>• Scolarité pour tout le monde.</li> <li>• Dignité pour tout le monde.</li> <li>• SMIC pour tout le monde.</li> <li>• Snobisme pour tout le monde.</li> <li>• Slaves pour tout le monde.</li> <li>• Sclérose pour tout le monde.</li> <li>• Scrupule pour tout le monde.</li> <li>• Psychologie pour tout le monde.</li> <li>• Agriculture pour tout le monde.</li> <li>• Pneus pour tout le monde.</li> <li>• FNAC pour tout le monde.</li> </ul>
--

Quadro 1

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que les sports soient publics.</li> <li>• Que le studio soit public.</li> <li>• Que la scolarité soit publique.</li> <li>• Que le SMIC soit public.</li> <li>• Que le snobisme soit public.</li> <li>• Que la dignité soit publique.</li> <li>• Que les slaves soient publics.</li> <li>• Que la sclérose soit publique.</li> <li>• Que les scrupules soientt publics.</li> <li>• Que la psychologie soit publique.</li> <li>• Que l'agriculture soit publique.</li> <li>• Que les pneus soient publics.</li> <li>• Que la FNAC soit publique.</li> </ul>
--

Quadro 2

- J'ai vu le cap.
- J'ai vu le crab.
- J'ai vu la petite.
- J'ai vu Maude.
- J'ai vu le kaïak.
- J'ai vu la pirogue.
- J'ai vu la tribu.
- J'ai vu l'album.
- J'ai vu le crâne.
- J'ai vu le parking
- J'ai vu l'amour.
- J'ai vu papa.
- J'ai vu le Pont Neuf.
- J'ai vu la veuve.
- J'ai vu la chasse.
- J'ai vu la chose.
- J'ai vu la vache.
- J'ai vu le domino.
- J'ai vu le linge.
- J'ai vu l'animal.
- J'ai vu Elbe.
- J'ai vu l'herbe.
- J'ai vu l'âpre.
- J'ai vu l'arbre.
- J'ai vu la récolte.
- J'ai vu le gazon.
- J'ai vu les quatre.
- J'ai vu la garde.
- J'ai vu le parc.
- J'ai vu le siècle.
- J'ai vu les bonbons.

- Le cap m'attire.
- Le crab m'attire.
- L'objet m'attire.
- La petite m'attire.
- Maude m'attire.
- La substance m'attire.
- Le kaïak m'attire.
- La pirogue m'attire.
- La tribu m'attire.
- L'album t'attire.
- Le crâne m'attire.
- Le parking m'attire.
- L'amour m'attire.
- Papa m'attire.
- Le Pont Neuf m'attire.
- La veuve m'attire.
- La chasse m'attire.
- La chose m'attire.
- La vache m'attire.
- Le domino m'attire.
- L'option m'attire.
- L'adversité m'attire.
- Le linge m'attire.
- L'animal m'attire.
- Elbe m'attire.
- L'âpre m'attire.
- L'arbre m'attire.
- L'herbe m'attire.
- La récolte m'attire.
- Le gazon m'attire.
- Les quatre m'attirent.

- J'ai vu l'orgue.
- J'ai vu le maigre.
- J'ai vu le rectangle.
- J'ai vu l'algue.
- J'ai vu le lapse.
- J'ai vu la nana.
- J'ai vu le basque.
- J'ai vu l'apte.
- J'ai vu l'act.
- J'ai vu l'ours.
- J'ai vu l'offre.

Quadro 3

- La garde m'attire.
- Le parc m'attire.
- Le siècle m'attire.
- Les bonbons m'attirent.
- L'orgue m'attire.
- Le maigre m'attire.
- Le rectangle m'attire.
- L'algue m'attire.
- Le lapse m'attire.
- La nana m'attire.
- Le basque m'attire.
- L'apte m'attire.
- L'ours m'attire.
- L'offre m'attire.
- L'act m'attire.

Quadro 4

Cada frase ficava exposta na tela por apenas três segundos, durante os quais o pesquisado deveria lê-las enquanto estava sendo gravado (alguns com um gravador Panasonic RR-US430 [a maioria] e outros com um gravador M-Audio Microtrack II). As estatísticas individuais encontram-se no Anexo I, as estatísticas por grupo, no Anexo II e as gerais no Anexo III. O conteúdo semântico das frases não foi observado. Foram apenas redigidas frases onde apenas uma palavra era mudada.

Abaixo, segue, como exemplo, a transcrição das leituras do Estudante 4a.

## Série 1

### Primeira leitura

- [isp]ort pour tout le monde.
- [ist]udio pour tout le monde.
- [sc]olarité ah... [isc]olarité pour tout le monde.
- [iz]MIC pour tout le monde.
- [Zn]obisme pour tout le monde.
- [izl]aves pour tout le monde.
- [isk]érose pour tout le monde.
- [iscr]upule pour tout le monde.
- [pisk]ologie pour tout le monde.
- [pi]neus pour tout le monde.

### Segunda leitura

- [isk]olarité pour tout le monde.
- [iskl]érose pour tout le monde.
- [Zn]obisme pour tout le monde.
- [iskr]upule pour tout le monde.
- [ist]udio pour tout le monde.
- [isp]ort pour tout le monde.
- [sm]IC pour tout le monde.
- [zl]aves pour tout le monde.
- [pisk]ologie pour tout le monde.
- [fn]AC pour tout le monde.
- [pi]neus pour tout le monde.

## Terceira leitura

- [pn]eus pour tout le monde.
- [iskl]érose pour tout le monde.
- [zm]IC pour tout le monde.
- [fn]AC pour tout le monde.
- [isn]obisme pour tout le monde.
- [st]udio pour tout le monde.
- [isk]olarité pour tout le monde.
- [iskr]upule pour tout le monde.
- [isp]ort pour tout le monde.
- [pisk]ologie pour tout le monde.
- [izl]aves pour tout le monde.

## Série 2

### Primeira leitura

- Que le [st]udio soit...
- Que la [isk]olarité soit publique.
- Que le [sm]IC soit public.
- Que le [isn]obisme soit public.
- Que les [izl]aves soient publics.
- Que la [iskl]érose soit publique.
- Que les [iskr]up... soient publics.
- Que la [psk]ologie soit publique.
- Que les [pi]neus soient publics.
- Que la [fn]AC soit publique.

**Segunda leitura**

- Que les [izl]aves soient publics.
- Que les [pi]neus soient publics.
- Que la [iskl]érose soit publique.
- Que la [fn]AC soit publique.
- Que les [iskr]upules soient publics.
- Que le [izn]obisme soit public.
- Que la [isk]oralité (sic) soit publique.
- Que le [st]udio soit public.
- Que le [izm]IC soit public.
- Que la [psk]ologie soit...
- Que les [isp]ort soient publics.

**Terceira leitura**

- Que le [ist]udio soit public.
- Que les [izl]aves soient publics.
- Que les [iskr]upules soient publics.
- Que la [pisk]ologie soit publique.
- Que la [iskl]érose soit publique.
- Que les [isp]orts soient publics.
- Que les [pi]neus soient publics.
- Que le [izm]IC soit public.
- Que la [isk]olarité soit publique.
- Que le [izn]obisme soit public.
- Que la [fn]AC soit publique.

**Série 3****Primeira leitura**

- J'ai vu le ca[p].
- J'ai vu le cra[b].
- J'ai vu la peti[t].
- J'ai vu Mau[d].
- J'ai vu [kajk].
- J'ai vu la piro[g].
- J'ai vu le pa[rk]
- J'ai vu l'amou[r].
- J'ai vu le Pont Neu[f].
- J'ai vu la veu[v].
- J'ai vu la cha[s].
- J'ai vu la cho[z].
- J'ai vu la va[ʃ].
- J'ai vu le... E[lbe].
- J'ai vu le he.. l'he[rbe].
- J'ai vu l'â[pre].
- J'ai vu l'a[rbre].
- J'ai vu la réco[t].
- J'ai vu les qua[tre].
- J'ai vu la gar[d].
- J'ai vu le pa[rk].
- J'ai vu le siè[kli].
- J'ai vu le l'o[rg].
- J'ai vu le mai[gre].
- J'ai vu le rectan[gle].
- J'ai vu le la[ps].
- J'ai vu le ba[sk].
- J'ai vu l'a[kt].

- J'ai vu l'o[fri].

### **Segunda leitura**

- J'ai vu Mau[d]
- J'ai vu le kaïa[k]
- J'ai vu l'amou[r]
- J'ai vu la veu[v]
- J'ai vu le cra[b]
- J'ai vu la cho[z]
- J'ai vu la peti[t]
- J'ai vu l'he[rbe]
- J'ai vu l'â[pre]
- J'ai vu va[f]
- J'ai vu la ca[p]
- J'ai vu l'o[fre]
- J'ai vu l'anima[l]
- J'ai vu le pa[rk]
- J'ai vu la crâ[n]
- J'ai vu E[lbe]
- J'ai vu le Pont Neu[f]
- J'ai vu le rectan[gle]
- J'ai vu la cha[s]
- J'ai vu l'a[rbre]
- J'ai vu la piro[g]
- J'ai vu le ba[sk]
- J'ai vu les qua[tre]
- J'ai vu le siè[kl]
- J'ai vu l'a[kt]
- J'ai vu l'o[rge]
- J'ai vu la ga[rd]
- J'ai vu le pa[rk]

- J'ai vu le mai[gr]
- J'ai vu le la[ps]

### **Terceira leitura**

- J'ai vu l'amou[r]
- J'ai vu la cho[z]
- J'ai vu lê cra[b]
- J'ai vu E[lbe]
- J'ai vu l'â[pre]
- J'ai vu la va[f]
- J'ai vu le kaïa[k]
- J'ai vu le ca[p]
- J'ai vu Mau[d]
- J'ai vu l'o[fri]
- J'ai vu l'a[kt]
- J'ai vu le pa[rk]
- J'ai vu la veu[v]
- J'ai vu la peti[t]
- J'ai vu le Pont Neu[f]
- J'ai vu rectan[gle]
- J'ai vu le l'he[rbe]
- J'ai vu le l'a[rbre]
- J'ai vu la ga[rd]
- J'ai vu réco[t]
- J'ai vu le la[ps]
- J'ai vu les qua[tr]
- J'ai vu l'o[rge]
- J'ai vu la piro[g]
- J'ai vu l'[aw], l'a[wge]
- J'ai vu l'anima[l]
- J'ai vu le ba[sk]

- J'ai vu le siè[kle]
- J'ai vu le pa[rk]
- J'ai vu le mai[gr]
- J'ai vu la cha[s]

## Série 4

### Primeira leitura

- Le ca[p] m'attire.
- Le cra[b] m'attire.
- L'o[biʒ]et m'attire.
- Mau[d] m'attire.
- La su[bist]ance m'attire.
- Le kaïa[k] m'attire.
- La piro[g] m'attire.
- La crâ[n] m'attire.
- Le pa[rk] m'attire.
- L'amou[r] m'attire.
- Le Pont Neu[f] m'attire.
- La veu[v] m'attire.
- La cha[s] m'attire.
- La va[ʃ] m'attire.
- L'o[ps]ion m'attire.
- L'a[div]ersité m'attire.
- L'anima[l] m'attire.
- E[lbi] m'attire.
- L'â[pr] m'attire.
- L'he[rbe] m'attire.
- La réco[wt] m'attire.
- Les qua[tre] m'attirent.
- La ga[rdi] m'attire.

- Le pa[rk] m'attire.
- Le siè[k] m'attire.
- L'o[rge] m'attire.
- Le rectan[gle] m'attire.
- L'a[wge] m'attire.
- Le la[pse] m'attire.
- Le ba[sk] m'attire.
- L'a[pt] m'attire.
- L'o[fre] m'attire.
- L'a[k] m'attire.

### Segunda leitura

- L'amou[r] m'attire.
- La crâ[n] m'attire.
- Le ca[p] m'attire.
- Mau[d] m'attire.
- L'o[biʒ]et m'attire.
- L'he[r] m'attire.
- Le Pont Neu[f] m'attire.
- L'anima[l] m'attire.
- Le cra[b] m'attire.
- Le pa[rk] m'attire.
- L'o[ps]ion m'attire.
- L'a[rbre] m'attire.
- Le kaïa[k] m'attire.
- La veu[v] m'attire.
- La su[bist]ance m'attire.
- Les qua[tri] m'attirent.
- La piro[g] m'attire.
- Le mai[g] m'attire.
- La va[ʃ] m'attire.

- La ga[rd] m'attire.
- L'â[pri] m'attire.
- L'a[k] m'attire.
- E[lbi] m'attire.
- La réco[t] m'attire.
- La cha[s] m'attire.
- L'o[fri] m'attire.
- Le la[ps] m'attire.
- Le rectan[gle] m'attire.
- Le pa[rk] m'attire.
- L'a[div]ersité m'attire.
- L'a[pte] m'attire.
- Le siè[kle] m'attire.
- Le ba[sk] m'attire.
- L'o[rg] m'attire.
- L'a[wge] m'attire.
- Le kaïa[k] m'attire.
- L'a[div]ersité m'attire.
- Mau[d] m'attire.
- La veu[v] m'attire.
- Le cra[b] m'attire.
- E[lbe] m'attire.
- La ga[rd] m'attire.
- Le pa[rk] m'attire.
- L'o[fre] m'attire.
- L'a[rbri] m'attire.
- Le mai[grø] m'attire.
- La piro[g] m'attire.
- La su[bist]ance m'attire.
- L'o[ps]ion m'attire.
- Les qua[tre] m'attire.
- La chose... la cha[s] m'attire.
- Le siè[kle] m'attire.
- La va[f] m'attire.
- L'a[k] m'attire.
- L'a[wge] m'attire.
- L'a[pt] m'attire.
- Le la[ps] m'attire.
- L'o[fri] m'attire.
- Le pa[rki] m'attire.
- L'o[rge] m'attire.
- Le ba[sk] m'attire.

### **Terceira leitura**

- Le rectan[gle] m'attire.
- L'amou[r] m'attire.
- Le Pont Neu[f] m'attire.
- L'anima[l] m'attire.
- La peti[t] m'attire.
- La crâ[n] m'attire.
- Le ca[p] m'attire.
- L'o[biz]et m'attire.
- L'he[rbe] m'attire.

## **CAPÍTULO 2: ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DE FALANTES NÃO-PROFICIENTES DA L2**

Este capítulo não tem o intuito de se aprofundar nas estratégias utilizadas por aprendizes de L2. Aqui, objetivamos apenas mencionar sucintamente o que dizem alguns autores a respeito de certos fenômenos observados em um aprendiz de L2 antes de chegar à proficiência, tais como interferência da língua materna (ALVES & ZIMEER, 2006), Teoria da Acomodação da Linguagem (GILES, 1973) e a Interlíngua (SELINKER, 1972). Tecemos também um breve comentário a respeito do processo de ensino e aprendizagem da L2 e a visão de alguns autores da área sobre como deve dar-se este processo (ESCADA, 2002, SILVA, 2007).

### **2.1 Interferências dos padrões da L1 sobre a L2: uma visão panorâmica**

Neste tópico, tentaremos resumir o que postulam alguns autores a respeito do processo de aprendizagem da L2, das interferências dos padrões da L1 e do objetivo principal: substituição dos padrões desta língua pelos daquela.

#### ***2.1.1 Interferência da L1 na percepção e realização dos sons da L2***

A interferência de aspectos da língua materna na percepção e produção de sons da L2 pode ocorrer de forma mais ou menos acentuada, dependendo da experiência prévia do aprendiz com sua língua materna e da saliência<sup>5</sup> entre os sons de uma língua. Para Alves e Zimmer (2006), quanto menor a saliência entre um segmento da L1 e um segmento da L2, maior a probabilidade de interferência.

Isto ocorre pelo fato de que, havendo pouca saliência, é menos provável que o aprendiz consiga perceber a diferença. É mais provável, por exemplo, que um aprendiz brasileiro do francês perceba a diferença entre o som [y] da língua francesa (como em *tu* do francês) e o som [u] existente no português, do que entre [ã] de *vent* e [ã] de *rã*. A menor probabilidade de percepção acarretará na menor probabilidade de realização.

---

<sup>5</sup> Quanto mais perceptível, significa que tem maior saliência.

Afirmam ainda que a interferência pode ser tanto pela transferência de conhecimento fonético-fonológico quanto de transferência de conhecimento grafo-fônico-fonológico<sup>6</sup>. Assim sendo, o fenômeno que estudamos aqui, na ótica dos autores, seria por transferência de conhecimento fonético-fonológico.

### **2.1.2 Teoria da acomodação da comunicação**

Em 1973, Howard Giles desenvolveu a Teoria da Acomodação da Comunicação (originalmente CAT, Communication Accommodation Theory), que, em 1986, foi usada por Trudgill para estudar fenômenos ocorridos em ambiente de contato de dialetos. Esta teoria descreve as estratégias usadas pelo falante para acomodar-se linguisticamente ao seu interlocutor. As estratégias mais importantes são: a *convergência*, que é quando o falante adquire traços de comportamento lingüístico do outro, com a finalidade de se assemelhar a ele e ter sua aceitação; e a *divergência*, que é quando o falante acentua as diferenças por questão de identidade ou de desaprovação.

Inúmeros são os fatores que determinarão a convergência, a divergência ou até mesmo a *manutenção*, que ocorre quando o falante não faz nenhuma modificação para acomodar-se ou divergir do seu interlocutor. A divergência parece ser uma estratégia mais acessível, como é o caso do falante que acentua seu sotaque para mostrar que é de um lugar diferente, marcar sua identidade. Quando se fala de convergência (que é nosso maior interesse aqui), entendemos que seja mais complexo, pois envolve algo além da intenção, que é a percepção.

Trazendo este tema para a fonética, não podemos deixar de lado a questão da acuidade auditiva do falante, que proporcionará maior ou menor grau de percepção, o que terá papel decisivo na convergência. Relacionada a este fator está a saliência (já mencionada), que, quanto maior for, será percebida com maior facilidade pelo falante (AUER *et al.*, 1998).

A acomodação, obviamente, pode ser, nos termos de Shepard *et al.* (2001), unidirecional ou mútua. Se a acomodação for por parte do nativo, cabe mencionar, mais uma vez, a questão do conforto. Quanto menor proficiência do não-nativo for percebida pelo nativo, maior esforço este

---

<sup>6</sup>É feita uma distinção entre esses dois aspectos pelo fato de os aprendizes terem tendência a aproximar a produção oral da L2 dos padrões da L1, tanto através da percepção oral quanto através das regras ortográficas. Assim sendo, os autores entendem a transferência de conhecimento fonético-fonológico como a interferência dos padrões de realização dos sons e das sílabas da L1, enquanto a transferência de conhecimento grafo-fônico-fonológico seria a interferência baseada nas regras ortográficas da L1, sendo possível ocorrer a realização incorreta de um som existente na língua do falante simplesmente pela influência da grafia.

fará para acomodar-se àquele, a fim de ser compreendido, o que pode tornar a comunicação pouco confortável. Isto, mais uma vez, justificaria a importância que o não-nativo deve dar ao refinamento do seu sotaque (juntamente com a sua proficiência) na L2.

### 2.1.3 Interlíngua

Interlíngua (*interlanguage*, de *interim language*), termo criado por Selinker (1972), é o nome que se dá a um sistema intermediário desenvolvido por aprendizes ainda não proficientes de uma língua estrangeira. Considera-se então que haja três sistemas: L1 (língua materna), IL (interlíngua) e L2 (língua alvo). Assim, a interlíngua é vista não como uma imitação, mas um verdadeiro sistema linguístico.

Em um primeiro momento, considerou-se que o aprendiz formularia um sistema totalmente influenciado pela língua materna (FRIES, 1945). Assim, o sistema sofreria constantes interferências da L1, o que veio a ser denominado *transferência (transfer)*. Sob esta ótica, o aprendiz se pautaria completamente na L1, com o objetivo de obter a L2, resultando em uma língua intermediária. Segundo o autor, poderia haver dois tipos de transferências: negativas, que são aquelas em que o aprendiz transfere traços de sua língua materna inexistentes na língua alvo; e positivas, em que, ao contrário, o aprendiz acerta por transferir uma estrutura que existe em ambas as línguas.

Esse conceito, pautado no comportamentalismo (SKINNER, 1957), foi rebatido por Chomsky (1959). Seria simplista afirmar que, em todo momento, o aprendiz usa a L1 como base de informação para este sistema intermediário. Baseado no conceito da Gramática Universal, criado pelo próprio Chomsky, o autor defende que há universais linguísticos que entram em ação no desenvolvimento deste sistema. Assim, no processo de aquisição de uma língua estrangeira, há, além das interferências da língua materna, a presença de universais que regem qualquer língua. É então importante ressaltar que este sistema não é um misto entre a L1 e a L2, mesmo que elementos de uma ou de ambas possam estar presentes (CORDER, 1967). Foi neste contexto que surgiu o conceito da interlíngua.

Para esta questão, Kean (1986) separa a língua em dois níveis: o núcleo e a periferia, sendo o núcleo regido pelos universais linguísticos e a periferia, pelas regras de uma determinada língua. Podemos, a partir daí, inferir que o que diferencia uma língua da outra é a periferia, enquanto o núcleo é pautado em um sistema inato. Com base nesses termos, Mazurkewich (1984, *apud* POWELL, 1998) defende que propriedades não-marcadas se identificam com o núcleo e

propriedades marcadas, com a periferia, o que é bastante plausível, já que as propriedades marcadas são características específicas das línguas.

Apesar de trabalhos em contrário, nos ateremos a esta ideia, visto que nos conduz a uma questão importante para nosso estudo. Como mencionamos anteriormente, a língua francesa possui padrões silábicos marcados (periferia) que não existem no PB. O falante do PB procura fazer uma adaptação de modo a buscar estruturas não-marcadas (núcleo). A dúvida que poderia ser levantada a partir disto é: a presença da epêntese em palavras do francês quando ditas por um brasileiro são influência do PB ou trata-se de um mecanismo guiado pelos universais linguísticos?

Apesar de ser presumível que ambos entrem em ação, podemos levantar alguns aspectos que nos levem a identificar a presença bastante perceptível do padrão do PB. Se, por um lado, é universal a tendência à adaptação fonotática, a fim de haver uma sílaba bem formada (desde o balbucio canônico até a fala de adultos de diversas línguas), por outro lado, o aprendiz brasileiro do francês segue um sistema que se identifica em, pelo menos, três aspectos, com a L1:

1. Há realização de epêntese em certas estruturas marcadas e não existentes no PB, mas, quando a estrutura é semelhante (mas não idêntica) a estruturas do PB, a realização da epêntese é categoricamente inexistente.<sup>7</sup>
2. Em quase todos os casos, a epêntese foi realizada como [i].<sup>8</sup>
3. O falante pode sair de uma estrutura marcada ausente no PB para outra também marcada, porém existente nesta língua.<sup>9</sup>

O que podemos entender desses fatores é que, ao estudar a L2, o falante se vê influenciado por outros sistemas e seria simplista atribuir-se estas influências a apenas um. De um lado, há as interferências da L1 e do outro, de universais linguísticos que independem da língua materna do aprendiz. Pode ainda o falante sofrer interferências de uma outra língua estrangeira de que tenha conhecimento prévio (POWELL, 1998).

---

<sup>7</sup>Um exemplo disto é a palavra francesa “animal”, em que há uma coda semelhante à coda do PB. Ao realizar corretamente o som [l], nenhum dos pesquisados apresentou epêntese, apesar de o PB não possuir, foneticamente, este som na posição de coda. Apesar de não terem sido dados considerados para a pesquisa, estão registrados no banco de dados.

<sup>8</sup>A epêntese se realiza através de diferentes sons em outras línguas. No espanhol, em geral, o som é [e] e em japonês, [u] ou [o]. Exemplos em japonês: gifuto (de *gift*), purezento (de *present*), kurassu (de *class*).

<sup>9</sup>É o caso de *psychologie* pronunciado como [pis]cologie. O falante abandona o ataque complexo, mas forma uma sílaba com coda, que é um padrão marcado, quando poderia fazer uma epêntese e obedecer ao padrão CV. É uma ocorrência menos frequente, mas que não deve ser ignorada.

## 2.2 Participação da L1 no processo de ensino-aprendizagem da L2

Tendo como base o fato de que a L1 exerce interferências sobre percepção e realização dos sons da L2, fica clara a necessidade do respeito à experiência linguística do aprendiz e seus conhecimentos prévios. Com base nessa premissa, Escada (2002) afirma:

O alheamento da língua materna das formas e do contexto em que se processou a sua aquisição, bem como das aprendizagens transversais, constituirá não só um factor potenciador do insucesso na LE, como poderá mesmo gerar efeitos traumatizantes, sobretudo quando releva de realidades adversas às vivências da criança.<sup>10</sup>

Apesar de o trecho referir-se ao ensino de crianças, acreditamos poder ampliar suas idéias às outras faixas etárias. Quanto maiores os progressos nas aquisições em L1, menores serão as interferências (ou intromissões, como Escada denomina) da L2.

Assim, a aprendizagem de novas estruturas não se dá excluindo a L1 do contexto de sala de aula, mas sim, levando os aprendizes a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas linguísticos. “*Os sons (estruturas) equivalentes nas duas línguas devem ter explicitadas as suas particularidades fonéticas específicas (detalhe fonético)*” (SILVA, 2007). Assim, pode haver diferenças mínimas entre os sons que devem ser esclarecidas pelo professor, uma vez que o aprendiz tende a aproximar os padrões sonoros conhecidos da L1 dos padrões desconhecidos da L2.

## 2.3 Abandono dos padrões da L1 e adoção dos padrões da L2

Alves e Zimmer (2006) mostram o exemplo das plosivas /p/, /t/ e /k/ do inglês, que, no início das palavras, são seguidas de aspiração, sendo realizadas [p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>]. A razão pela qual os falantes nativos do PB não as realizam aspiradas é, evidentemente, a inexistência de sons plosivos seguidos de aspiração no PB, no sotaque da maioria das regiões do Brasil. Desta maneira, o abandono da transferência de padrões só poderá ocorrer a partir da percepção do aprendiz desta situação de alofonia. Os autores ressaltam que, apesar de esta diferença não ser distintiva, deixa claro o sotaque estrangeiro.

Do mesmo modo, o fenômeno apresentado neste estudo deverá ser abordado de maneira a identificar onde traços existentes na L1 são realizados na L2. Através da abordagem de um

<sup>10</sup> Foi mantida a grafia do texto original, segundo as regras ortográficas do português europeu.

fenômeno da língua, pode-se abrir um leque para diversos outros fatos que ocorrem e passam despercebidos pelos alunos e, com maior ou menor frequência, pelos próprios professores.

Não temos aqui a intenção de traçar estratégias de ensino que visem a aprimorar a pronúncia de estudantes de língua francesa. Nossa intenção é a de detectar o problema, explicá-lo e deixar um caminho aberto para estudos da linguística aplicada nesse sentido.

### CAPÍTULO 3 : A SÍLABA

De acordo com diversos estudos no campo da aquisição da linguagem, o padrão universal não-marcado para a estrutura silábica é o CV (consoante-vogal). A criança, quando está adquirindo a linguagem, aprende primeiramente este padrão e evita sílabas com outras estruturas (ABAURRE, 2001; SCARPA, 2005)<sup>11</sup>. A língua portuguesa tende a manter esse padrão. No entanto, existem diversas outras possibilidades para a formação de uma sílaba. Na língua francesa, encontra-se um leque maior de possibilidades do que no PB, e há línguas (como o inglês), com ainda maior complexidade silábica. Seguem alguns exemplos de estruturas silábicas em português, francês e inglês (depois de “transporte”, seguem exemplos apenas do francês e do inglês, dada a inexistência de exemplos mais complexos em português). Ver o quadro 5 a seguir:

V	<u>é</u>
VV	<u>eu</u>
VC	<u>arte</u>
CV	<u>arte</u>
CVV	<u>réu</u>
CVC	<u>parte</u>
CCV	<u>prata</u>
CCVV	<u>livrei</u>
CCVC	<u>plástico</u>
VCC	<u>instante</u>
CCVCC	<u>transporte</u> <sup>12</sup>
CCCV	<u>sclérose</u> (francês)
CCCVC	<u>string</u> (inglês) <sup>13</sup>
CCCVCC	<u>strict</u> (francês)
CVCCC	<u>works</u> (inglês)
CVCCCC	<u>dextre</u> (francês) <sup>14</sup>
CCVCCC	<u>Crafts</u> (inglês)
CCCVCCC	<u>strengths</u> (inglês)

#### Quadro 5

<sup>11</sup> Na fase do balbucio, a criança tende a realizar sílabas do tipo CV, o que recebe o nome de balbucio canônico.

<sup>12</sup> Este é o tipo de coda mais complexo e raro encontrado na língua portuguesa.

<sup>13</sup> Considerando-se que *ng* nessa palavra formam apenas um fonema [ŋ]

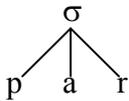
<sup>14</sup> Considerando-se que o *e* final não é pronunciado, formando então uma única sílaba. Féry (2001) defende a existência de uma semi-sílaba no francês, onde há o chamado *e caduco* no final das palavras, que é o caso do *e* final da palavra *dextre*. Por não ser o foco deste trabalho, apesar de concordarmos com a autora em certos contextos, não entraremos em maiores detalhes sobre esta questão. Para maiores informações, ver FÉRY, Caroline. Markedness, faithfulness vowel quality and syllable structure in French. *Linguistics Potsdam*, n. 15, 2001.

Outras estruturas de sílabas poderiam ser citadas aqui, mas entendemos serem estas suficientes para nosso estudo.

### 3.1 Estrutura silábica

Existem diferentes teorias para explicar a estruturação da sílaba. Segundo o modelo de Kahn (1976), os segmentos são independentemente ligados à sílaba (representada por um  $\sigma$ ), como em (01).

(01)



Extraído de Collischonn, 1999.

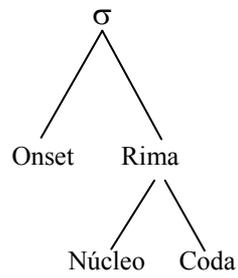
O problema desta teoria é que ela não dá conta de fenômenos como a possibilidade de encontrarmos certos segmentos de uma língua em posição inicial da sílaba mas não em posição final ou vice-versa. Ou seja, sem uma separação mais clara dos elementos de uma sílaba, como explicar, por exemplo, que, no PB, podemos ter um [p] no início da sílaba, mas não no final?

Situações de alofonia também não podem ser explicadas com esta divisão. Como explicar por que, no dialeto carioca, na posição final de sílaba, o fonema /S/ é realizado como [ʃ] ou [ʒ] (como em mesmos → me[ʒ]mo[ʃ]), mas nunca em início de sílaba (saber → \*[ʃ]aber<sup>15</sup>)? E vários outros fenômenos, como o valor da vogal em uma sílaba.

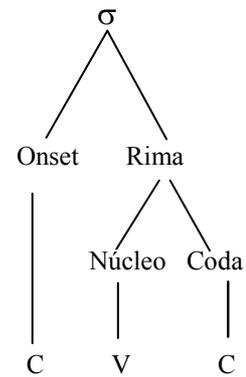
Neste trabalho, adotamos a estrutura silábica de Selkirk (1982). De acordo com a autora, a sílaba (também representada por um  $\sigma$ ), como pode ser visto na figura 01, divide-se em ataque (ou *onset*) e rima. A rima, por sua vez, subdivide-se em núcleo e coda. Como elemento de maior sonoridade (vogal em quase todos os casos, sendo em todos no PB), a única parte da sílaba que, obrigatoriamente, deve estar presente é o núcleo. O ataque é a parte da sílaba que antecede o núcleo e a coda é a parte que o segue. Em (02), temos uma sílaba de estrutura CVC (consoante-vogal-consoante). Pode-se ainda acrescentar a informação CVC no modelo, como podemos observar a seguir em (03).

<sup>15</sup> O asterisco representa realização proibida.

(02)

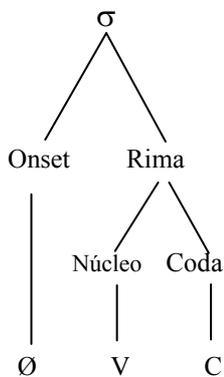


(03)

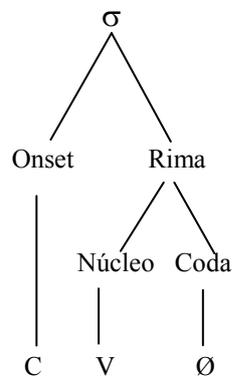


Em (04), temos a representação de uma sílaba sem ataque, ou seja, uma sílaba VC; em (05), de uma sílaba sem coda, de estrutura CV; e em (06), uma sílaba que possui apenas o núcleo, sendo assim de estrutura V.

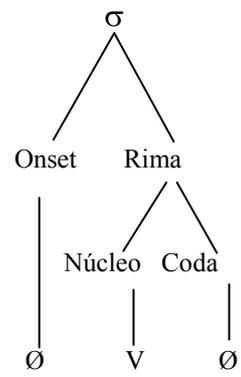
(04)



(05)

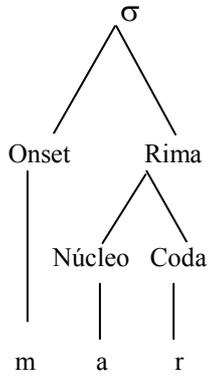


(06)

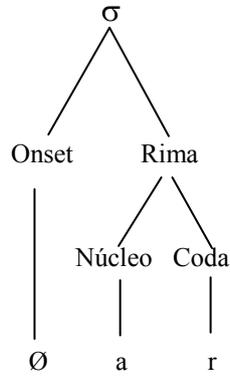


Nas figuras 07, 08, 09 e 10, seguem alguns exemplos de sílabas no português com a mesma estrutura encontrada nas figuras 03, 04, 05 e 06 respectivamente.

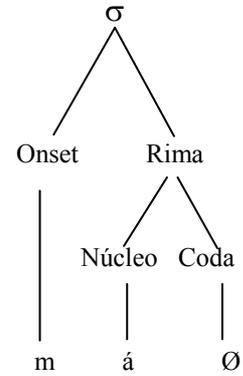
(07)



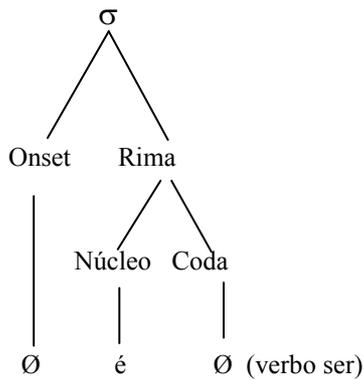
(08)



(09)

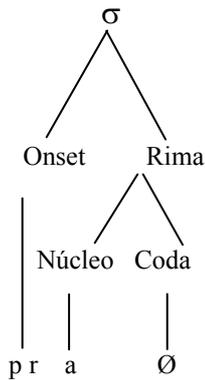


(10)

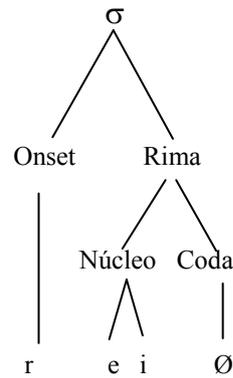


Podem também existir ataques formados por mais de uma consoante, que são chamados ataques complexos (CCV), como na sílaba *pra*, da palavra *prato*, em (11), como pode também o núcleo se ramificar (CVV), como na palavra *rei*, em (12). A sílaba pode também ter mais de uma coda (VCC), como na sílaba *ins* de *instante*, representado em (13). Visto que o PB tem muitas restrições à coda, há poucos exemplos na língua com essa estrutura.

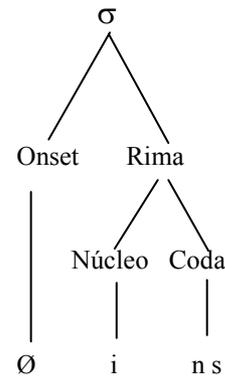
(11)



(12)



(13)



Há ainda teorias que consideram os glides como parte da coda ou do ataque, mas nunca do núcleo. Aqui, manteremos a noção de núcleo ramificado, já que não tratamos, na nossa pesquisa, de fenômenos com glides. Por núcleo ramificado, entenderemos também as vogais longas, que serão explicadas no tópico abaixo.

### 3.2 Unidades de duração

As sílabas com rima ramificada (e/ou simplesmente núcleo ramificado) são chamadas pesadas. As sílabas com rima (e núcleo) simples são chamadas sílabas leves. Nas palavras de Collischonn (1999), “rimas constituídas por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (digonto ou vogal longa) são pesadas”.

O peso silábico se reflete nas regras de acentuação das línguas, como é o caso do latim, em que o acento recai na penúltima sílaba sempre que esta for pesada e na antepenúltima, quando a penúltima for leve (COLLISCHONN, 1999). É o caso de *parabellum*, que tem *bel* como sílaba acentuada, por ser a penúltima e pesada. Já *integer* tem o acento sobre *in* por ser a penúltima sílaba, *te*, uma sílaba leve.

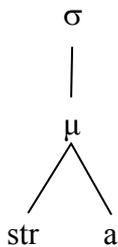
Na língua portuguesa, o peso silábico também exerce uma influência sobre o acento. Exemplo disto é que a única palavra do PB cujo acento recai na antepenúltima sílaba e possui sílaba pós-tônica pesada é “ônibus”. Outras palavras podem ser encontradas só em caso de flexão de número, como “árvores”.

Para tratar das unidades de duração, Troubetzkoy (1939) propõe o termo mora. Assim, as sílabas leves são aquelas que possuem apenas uma mora. As sílabas pesadas possuem duas ou mais

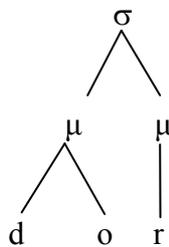
moras. Vale lembrar que, pelo conceito de sílaba leve e pesada, o ataque não exerce nenhuma influência, visto que não conta nenhuma mora. Então, uma sílaba como *stra* (como *stratégie* em francês) é uma sílaba leve, pois só possui uma mora. Já uma sílaba como *dor* é pesada, por possuir duas moras.

Vogais longas também contam duas moras. Assim, no caso da palavra inglesa *feet* [fi:t]<sup>16</sup>, temos uma sílaba com três moras, sendo duas da vogal longa [i:] e uma de [t]. Representa-se uma mora pela letra grega  $\mu$ . Assim, em (14), temos a representação da sílaba *stra*, com apenas uma mora, em (15), de *dor*, com duas, e em (16) de *feet*, com três moras. Este último será escrito com representação fonética para facilitar a separação de moras.

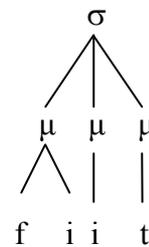
(14)



(15)



(16)



A presença da mora é de tal maneira percebida pelo falante, que, quando há perda de algum segmento na língua, há substituição por outro elemento portador de mora, como explica Collischonn (1999):

A teoria da mora, que toma a duração como uma propriedade independente das outras propriedades do segmento, faz uma predição interessante: quando um segmento é apagado por uma regra fonológica, a sua duração pode permanecer intacta e ser reassociada a outro segmento adjacente.

Para exemplificar este fenômeno, a autora cita estudo de Hulst e Smith (1982) sobre o protogermânico. Eles mostram uma palavra em que a sequência vogal curta + consoante nasal se torna vogal longa, com a perda da nasal:  $\text{pa}\eta\text{xta} > \text{pa}:\text{xta}$ . Ou seja, perde-se um segmento, mas não a mora. Para compensar a perda deste segmento, alonga-se a vogal, evitando-se a perda da mora.

<sup>16</sup> Dois pontos (:) representam uma vogal longa.

### 3.3 A sílaba no português brasileiro

Como já foi mencionado, a língua portuguesa possui um padrão silábico bastante restritivo, aceitando apenas quatro fonemas na posição de coda e poucos ataques complexos, que, neste caso, só podem ser obstruinte seguida de líquida. O quadro 6 mostra os ataques possíveis no PB e o quadro 7 mostra as codas possíveis.

CV	<u>pé</u>
CCV	<u>plano</u>
	<u>preto</u>
	<u>tradição</u>
	<u>atleta</u>
	<u>cratera</u>
	<u>clamor</u>
	<u>Brasil</u>
	<u>bloquear</u>
	<u>dramático</u>
	<u>Groenlândia</u>
	<u>iglu</u>
	<u>fraterno</u>
	<u>flâmula</u>
	<u>livro</u>

#### Quadro 6

(C)VC	<u>cor</u>
	<u>mal</u>
	<u>poste</u>
	<u>Antes</u>
(C)VCC	<u>instante</u>
	<u>perspectiva</u>

#### Quadro 7

### 3.3.1 Ataques complexos

Como apresentam Cardoso e Denis (2009), o PB possui as seguintes possibilidades de ataques complexos: /pr/, /br/, /tr/, /dr/, /kr/, /gr/, /fr/, /vr/, /pl/, /bl/, /tl/, /kl/, /gl/ e /fl/. Em posição inicial da palavra, a sequência /vr/ fica excluída e /tl/ é extremamente pouco produtivo, usado apenas em onomatopéias (como em tlim) ou palavras de uso pouco corrente (como em tlinguite [povo indígena do Alasca]).

Outros tipos de ataques são vetados no PB, o que induz a uma reestruturação silábica. Este fenômeno pode ser observado tanto sincronicamente, como exemplificado em (17), quanto diacronicamente, como em (18).

(17)

<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
/sl/ide	[isl]ide
/sn/ob	[isn]obe
/st/and	[ist]ande

Adaptado de Cardoso e Denis, 2009 .

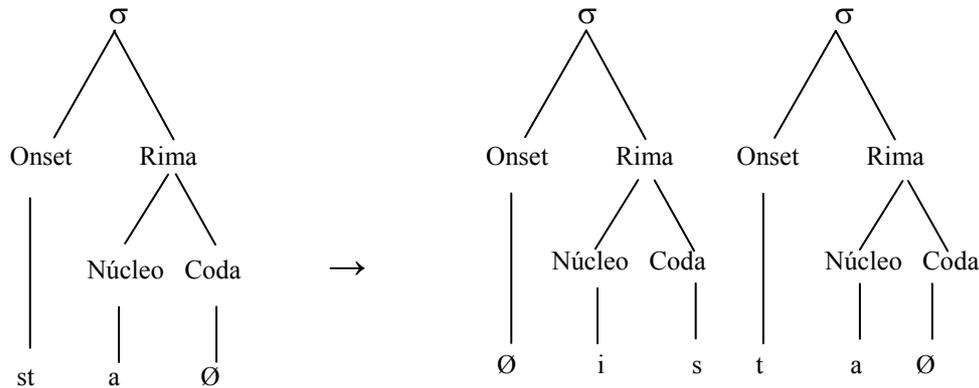
(18)

<i>Latim</i>	<i>Português</i>
/st/abiliscere	[ist]abelecer
/st/ellare	[ist]elar

Adaptado de Cardoso e Denis, 2009.

Como se pode ver, sempre que se tem no *input* um ataque complexo diferente dos encontrados no PB, tende-se a uma reestruturação através da vogal epentética [i], que gera duas sílabas a partir de uma, a primeira com coda e a segunda com um ataque simples. Ilustramos este fenômeno em (19), seguindo o modelo de Selkirk, o caso da sílaba *sta* de *stabiliscere*, que acaba sendo realizada [is.ta] no PB.

(19)



### 3.3.1.1 Princípio da Sonoridade

Através do Princípio da Sonoridade (CLEMENTS, 1990), pode-se compreender o que são padrões marcados e padrões não-marcados de sílabas.

Princípio da Sonoridade:

Toda sílaba possui um segmento que constitui o pico silábico (geralmente uma vogal), que é precedido e/ou seguido por uma sequência de segmentos com valores sonoros gradualmente decrescentes. (Cardoso, 2009, tradução nossa).

Em outras palavras, um padrão não-marcado de sílaba é aquele em que, antes do núcleo, existe uma ascendência gradual de sonoridade e, depois dele, uma decrescência também gradual. Abaixo, temos representada hierarquia de sonoridade dos segmentos:

**Oclusivas < Fricativas < Nasais < Líquidas < Glides < Vogais (CLEMENTS, 1990)**

Como já sabemos, o PB busca padrões não-marcados para uma boa formação da sílaba. No caso dos ataques complexos, a língua pede grande proximidade de sonoridade entre o segundo segmento do ataque e o núcleo e, ao mesmo tempo, o grande contraste entre o primeiro e o segundo segmentos. Assim, em “placa” ou “prata”, temos ataques complexos bem formados, por satisfazer a essas duas exigências. Ao contrário em “slide”, sendo o primeiro elemento uma fricativa, o contraste entre os dois segmentos do ataque é menor, gerando uma estrutura mal formada para o PB. No caso de “stellare”, ainda mais, temos uma ocorrência contrária ao princípio da sonoridade: o primeiro segmento é mais sonoro do que o segundo.

### 3.3.2 Codas

Ao contrário dos ataques, na posição de coda, o PB tem um elenco bastante reduzido. Hora (2006) faz um estudo descritivo do comportamento de cada uma das consoantes nessa posição. Em primeiro lugar, ele observa que todas elas têm um traço em comum, [+coronal]. No entanto, ao serem realizados na posição de coda, podem sofrer neutralização deste traço, dependendo da região de origem deste falante (a exceção de /N/, que sofre neutralização através da ditongação e/ou nasalização da vogal independentemente do sotaque). Um outro traço comum, a exceção de /S/, é que são soantes.

Se as codas simples já são pouco produtivas no PB, as codas complexas são extremamente raras e, “em final de vocábulo, elas, praticamente, não existem” (HORA, 2006).

<i>Posição medial</i>	<i>Posição final</i>
-----------------------	----------------------

perspicaz	tórax
-----------	-------

transporte	Félix
------------	-------

monstro

abstrato

Hora, 2006.

No entanto, observa-se que em palavras como “tórax”, “Félix”, “látex” geralmente se pronunciam [ˈlateks]. Raramente se constata a realização de uma epêntese [ˈlatekis] para evitar a coda. Isso se deve, provavelmente, a restrições relativas a acento. Esta questão será brevemente retomada no capítulo 4.

Nas próximas seções, falamos sucintamente sobre as codas do PB, com base no estudo de Hora.

#### 3.3.2.1 Consoante lateral

A consoante lateral, em posição de coda, pode ser realizada como [w], [l] ou ser apagada. A possibilidade de apagamento ocorre com maior frequência em final de palavra. Então, na palavra jornal, podemos ter jorna[w], jornal[l] ou jorna[Ø]. Já na palavra palco, podemos ter apenas pa[w]co ou pa[l]co. Existe ainda a possibilidade de alternância com um rótico, como fa[w]ta ~ fa[h]ta ou fa[ɹ]ta. A variante [w] é a mais produtiva no PB.

Apesar de o L em posição final de sílaba ser realizado [w], temos indícios para afirmar que fonologicamente existe uma coda. Exemplo disto é a derivação, como em *jornal* > *jornaleiro*, *papel* > *papelaria* e nunca *jornaueiro* ou *papeuaria*.

### 3.3.2.2 Róticos

“Os róticos, no PB e nas demais línguas do mundo, têm um comportamento extremamente variável” (HORA, 2006). Hora faz um levantamento de todos os alofones que podem resultar de /R/ em posição de coda [como no quadro (8)], o que confirma esta variabilidade.

	[r]	[r]	[x]	[ɹ]	[h]	[Ø]	glide
Posição	ca[r]ta	ca[r]ta	ca[x]ta	ca[ɹ]ta	ca[h]ta	*ca[Ø]ta	ca[j]ta
Medial	ga[r]fo	ga[r]fo	ga[x]fo	ga[ɹ]fo	ga[h]fo	ga[Ø]fo	ga[w]fo
Posição	ma[r]	Ma[r]	ma[x]	Ma[ɹ]	ma[h]	ma[Ø]	
Final	canta[r]	canta[r]	canta[x]	Canta[ɹ]	canta[h]	canta[Ø]	

#### Quadro 8

Hora, 2006.

No falar de João Pessoa, existe a tendência ao apagamento em caso de posição medial, seguido de fricativa, ou em posição final na palavra. Entretanto, quando uma palavra com vogal segue a coda /R/, há possibilidade de recuperação do seu som, agora em posição de ataque, como em “mar aberto” [marabehtu]. Isso mostra que, mesmo que, foneticamente, o /R/ possa ser apagado, ele se mantém presente na estrutura subjacente.

### 3.3.2.3 Fricativas coronais

As realizações em maior contingência no PB são [s, z, ʃ, ʒ, h, Ø]. A escolha varia de acordo com a região. No falar do paulistano, por exemplo, há maior escolha às alveolares [s, z], como em re[s]ponder e de[z] mese[s]. O carioca e o recifense, por outro lado, tenderão à palatalização re[ʃ]ponder e de[ʒ] mese[ʃ]. Há também a possibilidade de apagamento, como em me[Ø]mo ou mudança de ponto de articulação, como em me[h]mo.

No falar paraibano, a palatalização ocorre quando a coda é seguida de oclusiva dental [t, d]. Este fenômeno, em determinados momentos, influencia a pronúncia do estudante de língua estrangeira.

#### 3.3.2.4 *Nasais*

Em geral, na posição final, ocorre em palavras oxítonas. Neste caso, o apagamento é pouco produtivo (como em também, boletim, atum). Em caso de final de palavra não-oxítona, é mais possível ocorrer apagamento, como em ontem ~ onti, falaram ~ falaru. Em posição medial, nunca ocorre apagamento.

“Na posição medial, o arquifonema /N/ assume o ponto de articulação do segmento seguinte” (HORA, 2006), como em campo, pomba, canto, conde, conga (exemplos dados pelo autor).

Em posição final, as consoantes nasais nunca são pronunciadas com o som consonantal em si. O que ocorre são ditongações também ~ tamb[ẽj], falam ~ fal[ãw] ou assimilação do traço da nasalidade pela vogal, como em tom ~ t[õ]. No entanto, pela derivação, pode-se constatar a presença da consoante na subjacência: tom – tonal; Belém (de Israel) – belemita; Belém (do Pará) – belemense ou belenense; bom – boníssimo.

### 3.4 **Fonologia do francês**

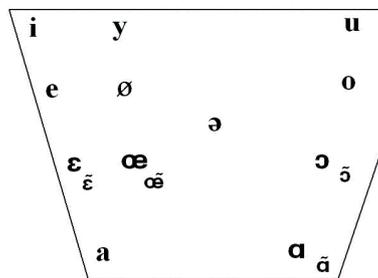
Para o falante nativo do português, os fonemas vocálicos franceses impõem mais dificuldades do que os consonantais. Por outro lado, o arranjo dos fonemas consonantais (contextos em que se encontram) acabam tornando o sistema consonantal mais complexo. Com relação ao ritmo e à tonicidade, não há grandes dificuldades. A tonicidade da sílaba em francês não possui caráter distintivo e recai sempre sobre a última sílaba fonética.

### 3.4.1 Fonemas da língua francesa

#### 3.4.1.1 Sistema vocálico

A língua francesa é composta por dezesseis vogais, sendo doze vogais orais e quatro nasais. Trata-se de um sistema assimétrico tanto no que diz respeito à labialização (são onze vogais arredondadas para cinco não-arredondadas) quanto na questão da posição da língua (uma vogal central, nove anteriores e seis posteriores, de acordo com vários autores, dentre eles Abry e Chalaron, 1997), segundo consta em (20).

(20)



#### 3.4.1.2 Sistema Consonantal e Semivogais

O sistema consonantal francês não difere muito do PB. A diferença mais marcante é o som uvular do rótico em praticamente todas as situações (considerado por alguns autores como velar). A língua francesa possui dezoito consoantes e três semivogais, como demonstrado em (21).

(21)

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET							
CONSONANTS (PULMONIC)							
	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Postalveolar	Palatal	Velar	Uvular
Plosive	p b		t d			k g	
Nasal	m		n		ɲ		
Trill			r				
Fricative		f v	s z	ʃ ʒ			ʀ
Lateral fricative							
Approximant	w				j ɥ		
Lateral approximant			l				

### 3.5 Sílabas do Francês

Diferentemente do português, o francês é bastante permissivo tanto com relação aos ataques complexos quanto às codas, conforme exemplos do quadro 9 para os ataques complexos e do quadro 10 para as codas.

CV	<u>ch</u> at		
CCV	<u>pl</u> an	<u>igl</u> ou	
	<u>prot</u> éger	<u>fr</u> aper	
	<u>trad</u> ition	<u>flo</u> con	
	<u>athl</u> ète	<u>liv</u> re	
	<u>crat</u> ère	<u>spéc</u> ifique	
	<u>cl</u> é	<u>st</u> age	
	<u>br</u> as	<u>scar</u> abée	
	<u>blo</u> quer	<u>pn</u> eu	
	<u>dr</u> ame	<u>psych</u> ologue	
	<u>gr</u> os		
	CCCV(C)	<u>str</u> abisme	
		<u>scr</u> upule	
		<u>spr</u> ay <sup>17</sup>	
<u>scl</u> érose			
<u>spl</u> endide			

**Quadro 9**

---

<sup>17</sup> Apesar de não ser uma palavra de origem francesa, serve como exemplo pelo fato de o francês pronunciar sem a epêntese: [spre]

	<u>cap</u>	<u>bonne</u>
(C(C))VC	<u>snob</u>	<u>couleur</u>
	<u>poète</u>	<u>mal</u>
	<u>chaude</u>	<u>oisif</u>
	<u>attaque</u>	<u>oisive</u>
	<u>pirogue</u>	<u>vache</u>
	<u>album</u>	<u>cage</u>
(C(C))VCC	<u>âtre</u>	<u>celte</u>
	<u>disciple</u>	<u>perte</u>
	<u>quatre</u>	<u>talc</u>
	<u>ocre</u>	<u>porte</u>
	<u>boucle</u>	<u>corde</u>
	<u>sobre</u>	<u>orque</u>
	<u>dièdre</u>	<u>algue</u>
	<u>nègre</u>	<u>orgue</u>
	<u>offre</u>	<u>elf</u>
	<u>livre</u>	<u>résolve</u>
	<u>melre</u>	
(C(C)VCCC	<u>montmartre</u>	
	<u>ordre</u>	
	<u>arbre</u>	
CVCCCC	<u>dextre</u>	

**Quadro 10**

Como se pode ver, o francês tem quase o dobro de possibilidades para ataques complexos e mais de oito vezes a quantidade de possibilidades de coda que tem o PB.

## CAPÍTULO 4 : TEORIA DA OTIMIDADE

Dentre várias teorias fonológicas, uma teoria que enxergue a língua como conjunto de restrições parece se adequar muito bem à proposta do nosso estudo, já que tratamos aqui de restrições fonotáticas. A TO tem elementos que possibilitam um estudo consistente em aquisição de língua estrangeira (bem como aquisição de língua materna e questões diacrônicas). Consegue também dar conta da flutuação que observamos na fala dos aprendizes entre realização de epêntese e realização do ataque complexo ou da coda.

### 4.1 Aspectos Iniciais

Diferentemente das teorias fonológicas tradicionais, a Teoria da Otimidade, (doravante TO), proposta por Prince e Smolensky (1993), não vê a língua como um conjunto de parâmetros ou regras a serem seguidas, mas sim, um conjunto de restrições violáveis organizadas hierarquicamente, como já foi dito anteriormente.

A TO se baseia na Gramática Universal e Chomsky (1972). Segundo a teoria, língua é um mecanismo inato, ou seja, todo ser humano nasce com a capacidade para a linguagem, com estruturas prontas para receber o conteúdo gramatical da linguagem humana. Na TO, entende-se que o ser humano nasce com as restrições já programadas em seu cérebro, que serão ranqueadas no decorrer da aquisição da linguagem. É este ranqueamento que fará com que a criança fale uma língua e não outra. Ou seja, todas as línguas possuem as mesmas restrições, mas o ranqueamento difere de uma para outra.

Então, de acordo com a TO, a língua possui três elementos essenciais. GEN (*generator*), que é o gerador. Ele gera todos os candidatos possíveis ao *output* (saída lexical), de acordo com o *input* (entrada lexical) dado. O candidato considerado ótimo, ou seja, o *output* realizado será aquele que violar apenas as restrições mais baixas, que estão elencadas no segundo elemento essencial, CON (*constraints*). Chegar-se-á ao candidato ótimo através do último elemento, EVAL (*evaluator*), que avaliará os candidatos gerados por GEN e chegará ao ótimo, que violou as mais baixas restrições encontradas em CON.

Como foi dito anteriormente, na TO, como as restrições são violáveis, trata-se da escolha de um candidato entre outros. Assim, temos o *input*, que é uma entrada lexical. Através dele, serão analisados vários candidatos a *output*. O que violar as restrições mais altas será eliminado, por ter

cometido uma *violação fatal*. O que violar as menores restrições será escolhido como candidato ótimo, pois cometeu apenas violações não fatais. No *tableau 1* (*tableau* é a denominação, na TO, para as tabelas de análise) temos a representação de uma análise na TO. Nele temos, no exemplo: A, que é o *input*; R1, que é a restrição 1, mais alta no ranqueamento; R2 é a restrição 2, mais baixa; B e C são os candidatos a *output*; o asterisco (\*) representa uma violação e, seguido de ponto de exclamação (!), representa uma violação fatal; o símbolo ☞ indica o candidato ótimo.

A	R1	R2
☞B		*
C	*!	

**Tableau 1**

A análise é a seguinte: houve uma entrada lexical A. Uma restrição R1, que era mais alta, e uma restrição R2, mais baixa. Houve dois candidatos: B e C. C violou fatalmente a restrição R1. B violou a restrição R2, mas, como é uma restrição ranqueada mais abaixo, foi escolhido como candidato ótimo. Mesmo que B violasse várias vezes R2 e até outras restrições mais baixas, continuaria sendo o candidato ótimo, por não violar a restrição mais alta, como no *tableau 2* a seguir.

A	R1	R2	R3	R4
☞B		***	*	*****
C	*!			

**Tableau 2**

Quando duas restrições têm o mesmo grau na hierarquia, são separadas no *tableau* por uma linha pontilhada, conforme *tableau 3*, onde R3 e R4 têm o mesmo valor no ranqueamento de restrições.

A	R1	R2	R3	R4
☞B		***	*	*****
C	*!			

Tableau 3

#### 4.1.1 Limitação harmônica

Quando, em uma análise, um candidato é escolhido como ótimo, não importando o ranqueamento das restrições, como se vê no *tableau 5*, caracteriza-se uma limitação harmônica (harmonic bounding) (MCCARTHY, 2002). Quando se tem tal situação, a análise fica comprometida e suspeita, por haver um candidato sem concorrência. No *tableau 4*, não importa em que ordem hierárquica estejam as restrições. B sempre será o candidato ótimo, por não ter violado nenhuma restrição. Para evitar esse tipo de ocorrência, outras restrições devem ser propostas no *tableau* para que não haja nenhum candidato sem violações ou com quantidade de violações que o deixe sem concorrência.

A	R1	R2	R3	R4
☞B				
C	*!			*
D		*!	*	

Tableau 4

#### 4.1.2 As restrições

Existem dois tipos de restrições, as restrições de fidelidade e as de marcação. As restrições de fidelidade dizem respeito diretamente ao *input*. Elas exigem o respeito pela forma como a entrada lexical foi dada. Por exemplo:

MAX-IO – *maximality* ou maximalidade – esta restrição diz que todos os elementos do *input* devem ter correspondente no *output*, ou seja, proibido apagamento.

DEP-IO – *dependency* ou dependência – no caminho inverso da restrição anterior, DEP-IO diz que todos os elementos do *output* devem ter correspondente no *input*, neste caso, proibido acrescentar (epêntese).

As restrições de marcação, por sua vez, não dizem respeito ao *input*. São restrições relativas à boa formação de uma determinada saída lexical. Assim, elas exigem a escolha de padrões não-marcados para sua não-violação. Por exemplo:

NOCODA – esta restrição proíbe a coda silábica.

\*COMPLEX-ONS – proibido ataque complexo (*complex onset*).<sup>18</sup>

As restrições podem também ser de natureza mais específica. Interessam-nos, neste trabalho, duas restrições específicas de marcação. Com relação aos ataques, temos a restrição \*COMPLEX-ONS, como já foi visto. No entanto, existe um grupo específico de ataques complexos que são aceitos no PB, obstruinte + líquida. Assim, temos a restrição específica COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>, que diz que ataques complexos só são autorizados se formados por obstruinte + líquida. No caso das codas, o PB aceita /S/, /N/, /R/ e /L/ como codas. Assim, temos a restrição CODACOND, que condiciona os tipos de coda a serem aceitos. No caso do PB, as quatro acima. As restrições específicas sempre são ranqueadas acima das gerais

#### 4.1.3 Relação de estringência

A relação de estringência ocorre quando há uma restrição mais específica em conflito com uma restrição mais geral. Por exemplo, a restrição COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>, deve ser ranqueada acima de \*COMPLEX-ONS pelo fato de ser mais específica. Acontece que, quando a restrição mais específica é violada, a mais geral também o é, mas não acontece o mesmo no sentido inverso (MCGARRITY, 2003).

Mas o fato de a violação de uma restrição implicar em violação de outra restrição (que é a relação de estringência propriamente) causa uma limitação harmônica. Assim, sempre que há uma restrição mais específica e uma mais geral, esta será ranqueada abaixo daquela e, entre as duas, será ranqueada uma restrição de fidelidade. Assim, no caso do PB, podemos ter, por exemplo:

---

<sup>18</sup> O asterisco indica uma proibição. Assim \*COMPLEX-ONS equivaleria a NOCOMPLEX-ONS.

1. **COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> >> MAX-IO >> \*COMPLEX-ONS**, para os ataques complexos;
2. **CODACOND >> DEP-IO >> NOCODA**, para as codas.

Vejamos como ficaria uma análise com as restrições mostradas até agora. Imaginemos um *input* vindo da língua francesa, como *sport*, já mencionado na introdução deste trabalho. No PB, a restrição de marcação COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> está ranqueada acima da restrição DEP-IO. No *tableau 5*, temos a análise, usando apenas as restrições COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> e DEP-IO, com o ranqueamento do PB.

/spor/	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>	DEP-IO
☞ a. [is.pɔʁ]		*
b. [spɔʁ]	*!	

**Tableau 5**

O candidato b. não violou a restrição de fidelidade e teve um *output* idêntico ao *input*. Mas violou fatalmente a restrição de marcação que proibia ataque complexo que não tivesse a formação obstruinte + líquida, pois era mais importante. O candidato a. violou a restrição que proibia a epêntese, mas não era uma restrição alta na hierarquia, sendo assim escolhido como candidato ótimo. Uma análise semelhante pode ser feita, como no *tableau 6*, usando os padrões da língua francesa, que tem o ranqueamento oposto, obtendo um resultado diferente.

/spor/	DEP-IO	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>
a. [is.pɔʁ]	*!	
☞ b. [spɔʁ]		*

**Tableau 6**

Neste caso, ocorre justamente o oposto. No francês, a restrição que proíbe a epêntese está ranqueada acima da restrição que proíbe ataques complexos. Assim, foi escolhido como candidato ótimo aquele que não a violou (o candidato b.).

No *tableau 7* temos a análise da palavra francesa *psychiatre*, falada por um nativo do PB brasileiro, com a seguinte hierarquia de restrições:

**COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> >><sup>19</sup> MAX-IO >> CODACOND >> DEP-IO >> NOCODA >> \*COMPLEX-NOS**

/psikiatR/	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>	MAX-IO	CODACOND	DEP-IO	NOCODA	*COMPLEX-ONS
a. [psi.ˈkjaɾ]	*!		*		**	*
b. [pi.si.ˈkjaɾ]			*!	*	**	
c. [psi.ˈkja.tri]	*!			*		*
☞ d. [pi.si.ˈkja.tri]				*		
e. [si.ˈkjaɾ]		*!	*		**	
f. [si.ˈkjaɾ]		*!*	*		*	

**Tableau 7**

Os candidatos a. e c. violam fatalmente a restrição que diz que só pode haver ataques complexos formados por obstruinte seguida de líquida, violando, logicamente, a restrição mais geral de ataques complexos. O a. viola também as restrições referentes à coda (violando NOCODA duas vezes); o candidato b. viola fatalmente as restrições de coda, além de violar a restrição de dependência. Os candidatos e. e f. violam fatalmente a restrição de maximalidade (este último a viola duas vezes, mas a primeira violação já é fatal), além de violar as restrições de coda; o candidato d., que viola apenas a restrição de dependência, mas não o faz fatalmente, é escolhido como candidato ótimo. Logicamente nem todo falante do PB possui esta hierarquia, mas, como será discutido mais tarde, parece ser o padrão da maioria. Será explicado também porque a restrição específica referente a ataques complexos está ranqueada acima das que dizem respeito à coda.

<sup>19</sup> >> significa “domina”. Quando se quer representar duas restrições que têm o mesmo nível hierárquico, substitui-se >> por vírgula (,).

## 4.2 A sílaba do PB na perspectiva da TO

### 4.2.1 Ataques complexos

Tomemos como exemplo a palavra *psicologia*. Temos como *input* o ataque /pS/, mas no *output*, em geral, temos como candidato ótimo [pisi]cologia, como no *tableau* 8. Isso se deve ao alto ranqueamento da restrição  $\text{COMPLEX-ONS}_{[O+L]}$ , que está acima da restrição de fidelidade DEP-IO. Acrescentamos também à análise a restrição MAX-IO, ficando da seguinte maneira:

$\text{COMPLEX-ONS}_{[O+L]} \gg \text{MAX-IO} \gg \text{DEP-IO} \gg * \text{COMPLEX-ONS}$

/psikologia/	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>	MAX-IO	DEP-IO	*COMPLEX-ONS
☞ a. [pi.si.ko.lo.ˈzi.a]			*	
b. [psi.ko.lo.ˈzi.a]	*!			*
c. [si.ko.lo.ˈzi.a]/ [pi.ko.lo.ˈzi.a]		*!		

**Tableau 8**

O candidato b. violou fatalmente as restrições referentes a ataques complexos, sendo eliminado. O candidato c. violou fatalmente a restrição MAX-IO. O candidato a. violou a restrição DEP-IO, mas esta está em baixa posição no ranqueamento, o que o fez ser selecionado como candidato ótimo.

Como os ataques complexos formados por obstruinte seguida de líquida são aceitos no PB, um *input* como /prato/ terá o resultado que segue no *tableau* 9. Acrescentamos à análise a restrição LINEARITY, que exige que os elementos do *output* estejam distribuídos de acordo com a ordem do *input*, ou seja, proibido metátese<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Acrescentamos esta restrição a fim de demonstrar a presença de mais possibilidades de avaliação nas análises.

/prato/	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>	MAX-IO	LINEARITY	*COMPLEX-ONS
☞ a. [pra.tɔ]				*
b. [pa.rɔ]	*!		*	*
c. [pa.tɔ]		*!		
d. [pa.tɔ]			*!	

Tableau 9

O candidato c. é imediatamente eliminado por violar a restrição MAX-IO; o candidato b. viola \*COMPLEX-ONS, LINEARITY e viola fatalmente COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>. O candidato d. viola fatalmente LINEARITY. O candidato a. é, portanto, o candidato ótimo.

#### 4.2.2 Codas

O PB é também bastante restritivo com relação às codas. Um *input* como /sob/ não terá idêntico *output* por causa da restrição CODA COND, que permite a presença de coda, caso ela siga determinadas condições. No caso do português, a condição é que seja [+soante, +contínuo, +coronal] ou [-vocálica, +soante] (LUCENA, 2007), que são os fonemas anteriormente citados. Como temos no *tableau* 10 o candidato a. é eliminado por violar fatalmente esta restrição; o candidato c. é eliminado por violar fatalmente a restrição MAX-IO e o candidato b. é selecionado como ótimo.

/sob/	MAX-IO	CODA COND	DEP-IO	NOCODA
a. [sob]		*!		*
☞ b. [so.bi]			*	
c. [so]	*!			

Tableau 10

Adaptado de Lucena, 2007.

Entretanto, na análise da palavra *paz*, temos um resultado diferente, já que a coda do *input* /paS/ é aceita no PB. Assim, podemos ter o *output* [pas]<sup>21 22</sup> conforme *tableau* 11.

/paS/	MAX-IO	CODACOND	DEP-IO	NOCODA
☞ a. [pas]				*
b. [pa.si]			*!	
c. [pa]	*!			
d. [paʃ]		*!		*

**Tableau 11**

Assim, o candidato a. viola a restrição NOCODA, mas não viola as restrições mais importantes, MAX-IO e CODACOND, o que lhe dá o *status* de candidato ótimo. O candidato b. viola fatalmente DEP-IO e c. viola fatalmente MAX-IO. O candidato d. viola fatalmente CODACOND, violando, conseqüentemente, NOCODA.

Há também o fato interessante de palavras como *lâtex* ou *tórax* raramente terem epêntese. Isso se deve provavelmente ao fato de a restrição EDGEMOST<sub>[right]</sub>, que diz acentue na borda direita da palavra, ser mais alta na hierarquia do que NOCODA (como se vê no *tableau* 12). Isto significaria que o PB prefere a presença de uma coda complexa à realização de uma proparoxítona. Mas, para se confirmar esta hipótese, seria necessário um estudo sobre o acento no PB baseado na TO<sup>23</sup>.

/LATEkS/	EDGEMOST <sub>[right]</sub>	CODACOND	DEP-IO	NOCODA
a. ['lateks]	*	*		**
b. ['latekis]	**!		*	*

**Tableau 12**

<sup>21</sup> Por não ser do interesse deste trabalho, a ditongação recorrente em algumas regiões do Brasil ([pajs]) foi ignorada.

<sup>22</sup> Seria o caso no dialeto paulistano, em que o som [ʃ] é inexistente na coda e não é alofone de /S/. No dialeto carioca ou no recifense, com condições diferentes de coda, o candidato d. seria escolhido como ótimo.

<sup>23</sup> Para um estudo mais profundo em acento na língua portuguesa, ver *O acento em português: abordagens fonológicas*, (ARAÚJO et. al., 2007). O livro, publicado pela editora Parábola, contém diversas teorias sobre o acento e várias se baseiam na TO.

### 4.3 Sílabas do Francês na perspectiva da TO

Para se ter tanto ataques quanto codas com a permissividade do francês, o ranqueamento das restrições, diferentemente do português, privilegia as restrições de fidelidade, ou seja, MAX-IO e DEP-IO estão no mais alto nível da hierarquia, quando relacionados com as restrições relativas a ataques e codas. Enquanto, no português, as restrições específicas de marcação relativas a ataques complexos e codas estão em alto grau no *ranking*, estão bem abaixo no francês. Por serem as restrições específicas bastante baixas na língua francesa, mencionaremos aqui as restrições gerais equivalendo às específicas.

#### 4.3.1 Ataques complexos

A mesma palavra que foi tomada como exemplo no início do capítulo anterior (psicologia) nos servirá em francês, *psychologie*, conforme *tableau* 13. Para que se tenha o *output* observado na língua francesa, teremos o seguinte ranqueamento de restrições:

#### MAX-IO, DEP-IO >> LINEARITY >> \*COMPLEX-ONS

/psikoloji/	MAX-IO	DEP-IO	LINEARITY	*COMPLEX-ONS
☞ a. [psi.ko.lo.ʒi]				*
b. [pi.si.ko.lo.ʒi]		*!		
c. [pis.ko.lo.ʒi]			*!	
d. [si.ko.lo.ʒi]/[pi.ko.lo.ʒi]	*!			

Tableau 13

Neste caso, a epêntese não acontece. O candidato d. viola fatalmente a restrição MAX-IO, o candidato c. viola a restrição de linearidade e o candidato b., a de dependência. O candidato a. é o candidato ótimo por violar somente a restrição \*COMPLEX-ONS, ranqueada abaixo das outras. Como se pode ver, aqui são eliminados os candidatos que violam restrições de fidelidade, enquanto, no português, eliminam-se os candidatos que violam restrições de marcação.

### 4.3.2 Codas

A língua francesa aceita qualquer consoante de seu inventário como coda. Não há absolutamente nenhuma proibição quanto ao tipo de consoante. Quanto à quantidade de ramificações da coda, a língua é também bastante permissiva, a ponto de ter sílabas do tipo CVCCCC, como já foi citado o caso de *dextre*. No *tableau* 14 temos a análise da palavra *petite*, que possui uma coda simples e, no *tableau* 15, da palavra *dextre*. Temos a seguinte hierarquia de restrições:

#### MAX-IO, DEP-IO >> NOCODA

/pətit/	MAX-IO	DEP-IO	NOCODA
☞ a. [pə.tit]			*
b. [pə.ti]	*!		
c. [pə.ti.tə]		*!	

Tableau 14

/dɛkstR/	MAX-IO	DEP-IO	NOCODA
☞ a. [dɛkstr]			****
b. [dɛkst]	*!		
c. [dɛst]	*!*		
d. [dɛks.trə]		*!	**
e. [dɛ.kəs.trə]		*!*	*

Tableau 15

Como podemos ver, não são aceitos apagamentos nem epênteses na realização de palavras com codas.<sup>24</sup> Conforme *tableau* 15, o candidato a. viola quatro vezes a restrição NOCODA, mas mesmo assim é o candidato ótimo.

<sup>24</sup> Determinados contextos podem favorecer epêntese ou apagamento. No entanto, não é o que ocorre na leitura de palavra isolada ou em final de frase.

## CAPÍTULO 5: PROBLEMAS APRESENTADOS POR FALANTES BRASILEIROS DIANTE DO PADRÃO SILÁBICO FRANCÊS

### 5.1 Análise de Dados

Ao analisarmos os dados, parece plausível afirmar que o PB possui maiores restrições a ataques complexos cuja seqüência não seja obstruinte seguida de líquida do que a codas. A porcentagem de leituras sem ressilabificação, no caso de ataques complexos, é de 31,29%, enquanto, no caso de codas, é de 71,63%.

#### 5.1.1 Considerações preliminares

Antes da análise dos dados, cabe esclarecer que foram desconsideradas leituras com as seguintes características:

- a) Mudanças de fonema, por interpretação errônea, como *linge*, pronunciado lin[g] em vez de lin[ʒ];
- b) Palavras em que foi lido o E final como tônico (quando deveria ser mudo). Assim, se o leitor leu *âpre* ['apri] ou ['apre], ele fez uma epêntese. Se ele leu [a'pre], o [pr] perdeu a característica de coda e o E, a de epêntese.
- c) As leituras nas quais o pesquisado aparentemente realizou um apagamento por crer ser de fato a consoante muda<sup>25</sup>, regra recorrente na língua francesa.
- d) as leituras onde ocorreram epêntese e apagamento ao mesmo tempo, a fim de facilitar o levantamento de dados e não haver choque de porcentagens;

#### 5.1.2 Ataques Complexos

Um dos fenômenos observados, nas leituras do Estudante 4a, foi o apagamento da vogal, em duas ocorrências da palavra *psychologie*, onde ele leu [psk]ologie. A porcentagem de apagamentos, no geral, acaba sendo insignificante (0,59%).

<sup>25</sup> Em alguns casos, o pesquisado não leu o segundo T de *petite*, o S de *ours* ou o C em *parc*.

O que observamos com um número significativo de ocorrências foram epênteses e realizações do ataque complexo. O gráfico 1 abaixo apresenta os resultados gerais das leituras, ou seja, tanto ataques complexos no início da frase quanto no meio. Já o gráfico 2 mostra os resultados para somente ataques complexos em início de frase e o gráfico 3, ataques complexos no meio da frase.

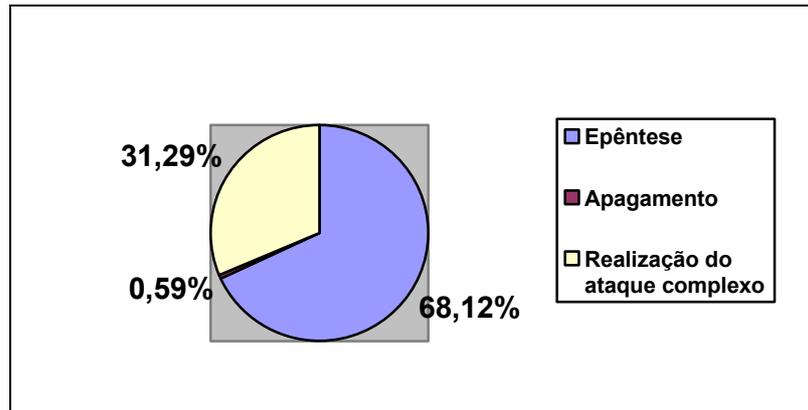


Gráfico 1 – Ataques complexos – Resultado geral das leituras

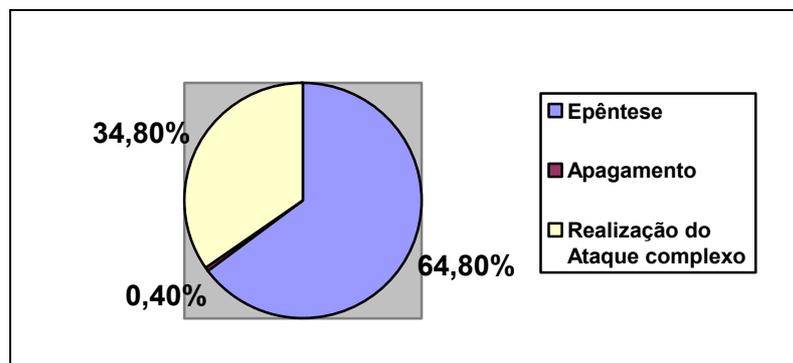


Gráfico 2 – Ataques complexos no início da frase

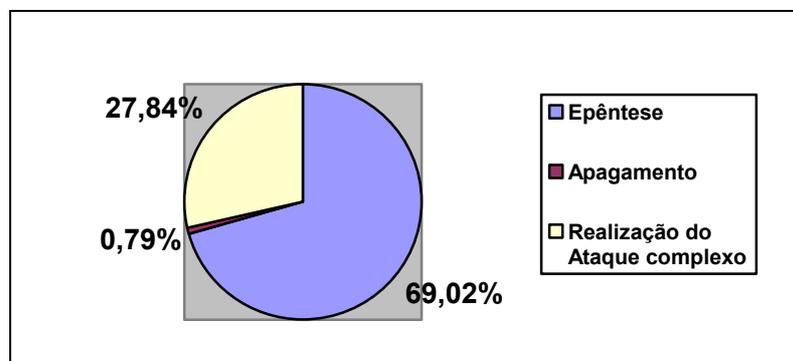
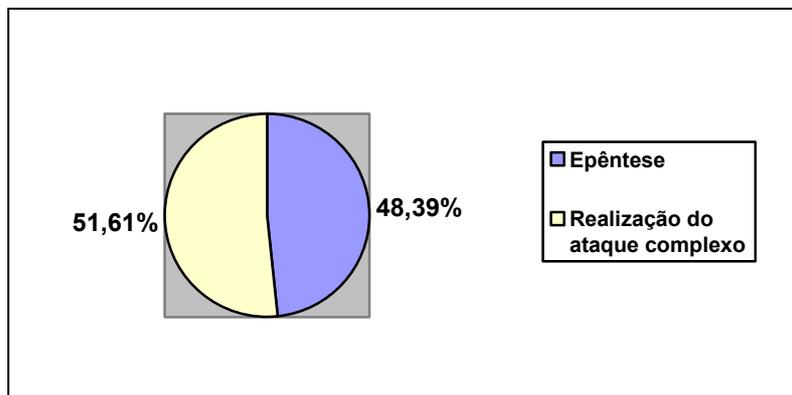


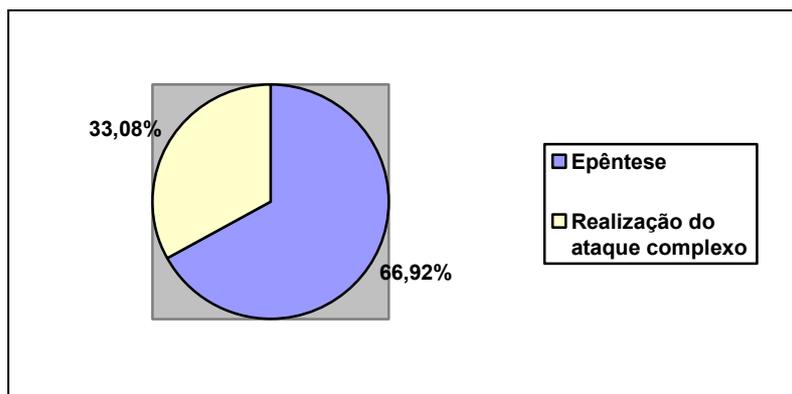
Gráfico 3 – Ataques complexos no meio da frase

Como se pode notar, predomina, em ambos os casos, a realização de epêntese, o que vem ratificar a afirmação de que a restrição de marcação  $COMPLEX-ONS_{[0+L]}$  está ranqueada acima da restrição de fidelidade DEP-IO, contrariamente ao ranqueamento do francês. Constatamos também uma maior tendência à epêntese quando o ataque complexo está no meio da frase.

Tínhamos a hipótese de que a realização de epênteses diminuiria à medida que o estudante estivesse em um nível mais avançado. O que se viu é que este fenômeno é mais ou menos acentuado por idiosincrasias. O resultado é o que consta dos gráficos abaixo. No gráfico 4, apresentamos os dados do Grupo 1; no gráfico 5, os dados do Grupo 2; no gráfico 6, estão os dados do Grupo 3; e finalmente no gráfico 7, apresentamos os dados do Grupo 4 (todos os gráficos mostram as informações gerais para ataques complexos).



**Gráfico 4 – Grupo 1 – Resultados gerais para ataques complexos**



**Gráfico 5 – Grupo 2 – Resultados gerais para ataques complexos**

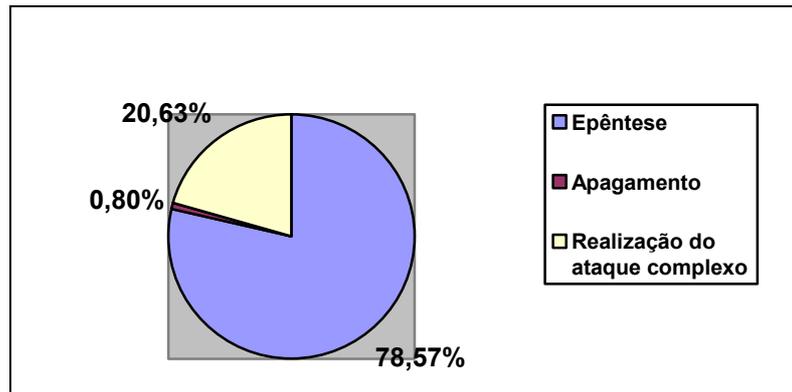


Gráfico 6 – Grupo 3 – Resultados gerais para ataques complexos

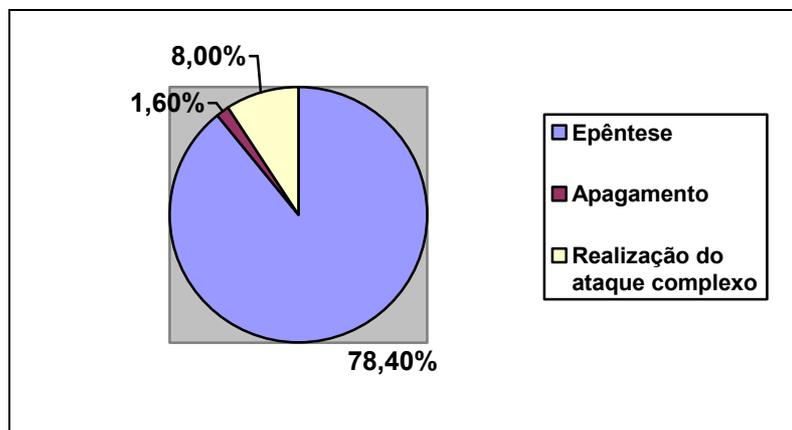


Gráfico 7 – Grupo 4 – Resultados gerais para ataques complexos

Curiosamente, quem mais apresentou epênteses foram os estudantes do Grupo 3, ficando em segundo lugar, o Grupo 4, em terceiro, Grupo 2 e a que apresentou maior proporção de leituras do ataque complexo aproximado da leitura de um nativo foram os estudantes do Grupo 1. Isto, mais uma vez, ratifica a afirmação de que idiossincrasias exercem um papel importante na maneira de adquirir uma língua estrangeira.

Nota-se que a maioria dos pesquisados teve taxa de epênteses superior à de realização de ataques complexos. Na média geral, o índice de realização do ataque complexo foi de 31,29%, como já visto no gráfico 1, o que justificaria um trabalho na área de ensino de línguas voltado a esta questão.

### 5.1.3 Codas

Apesar de, aparentemente, no PB, haver uma restrição mais forte às codas do que aos ataques complexos que não seguem o padrão obstruinte + líquida, constatamos, neste estudo, menor esforço, da parte dos falantes, para adaptar as sílabas com codas a fim de lograr uma boa formação. Enquanto, em quase dois terços dos ataques complexos, os falantes fizeram a epêntese, o mesmo só ocorreu em 24,93% dos casos com as codas. O que fica perceptível nesta análise é que, apesar de haver restrição a maior quantidade de codas, uma vez formados uma coda e um ataque complexo, a restrição será maior a este <sup>26</sup>.

Segue o gráfico 8 apresentando o resultado geral das leituras; já no gráfico 9, apresentamos os resultados das leituras com codas no final da frase; e no 10, observamos os resultados de leituras com codas no meio da frase.

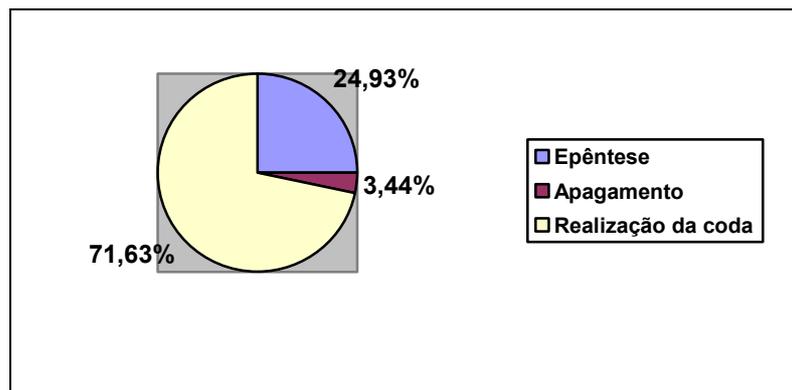


Gráfico 8 – Codas – Resultado geral das leituras

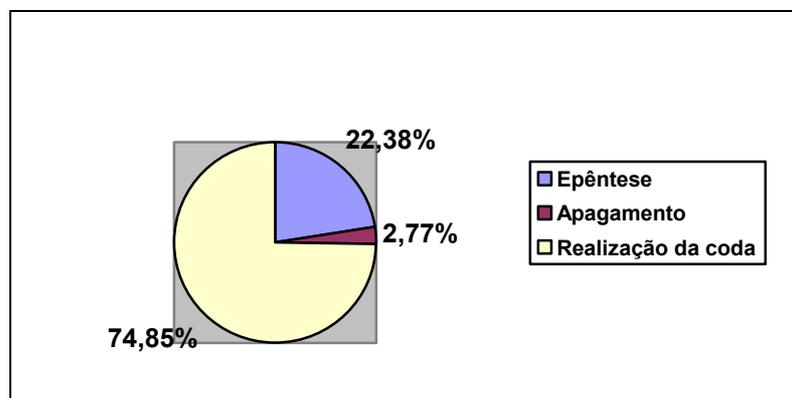


Gráfico 9 – Codas no final da frase

<sup>26</sup> Este fenômeno será melhor explicado na sessão 5.1.4 Democção das restrições.

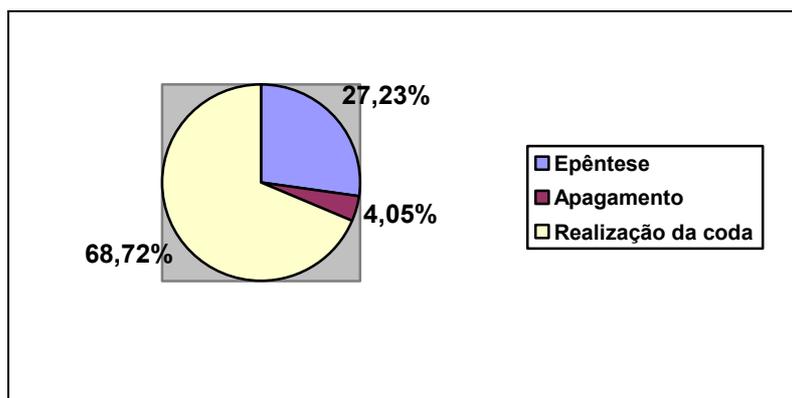


Gráfico 10 – Codas no meio da frase

Com a predominância da epêntese sobre o apagamento, pode-se afirmar a dominância da restrição MAX-IO sobre DEP-IO. No entanto, constatamos, através dos dados, uma clara predominância de realizações da coda, o que indica que os falantes demovem mais rapidamente a restrição CODACOND para a hierarquia reinante no francês do que a restrição COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>. Ou seja, enquanto COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> se mantém, na maior parte do tempo, acima de DEP-IO, CODACOND é rapidamente removida para uma posição inferior.

Analisando individualmente os resultados, observamos mais uma vez que o tempo de contato com a língua francesa não exerceu um papel primordial na realização das leituras das codas, da mesma forma como ocorreu na leitura dos ataques complexos. Nota-se uma tendência à epêntese em todos os casos (alguns mais acentuados do que outros), porém menor do que nos ataques complexos. Seguem os gráficos demonstrativos de cada grupo, sendo: gráfico 11, Grupo 1; gráfico 12, Grupo 2; gráfico 13, Grupo 3; gráfico 14, Grupo 4.

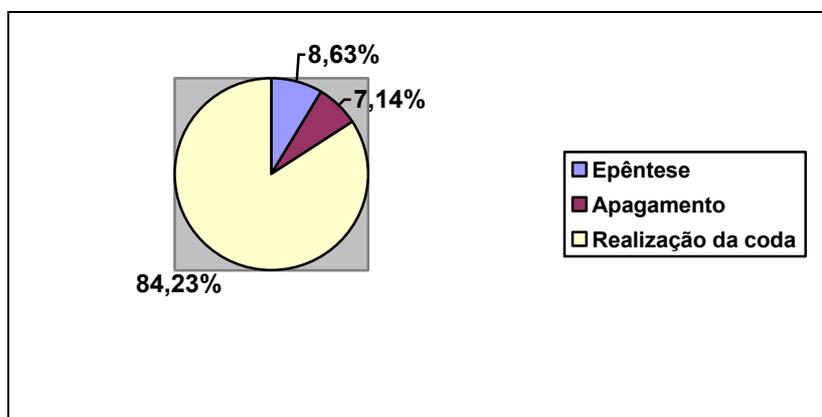


Gráfico 11 – Grupo 1 – Resultados gerais para codas

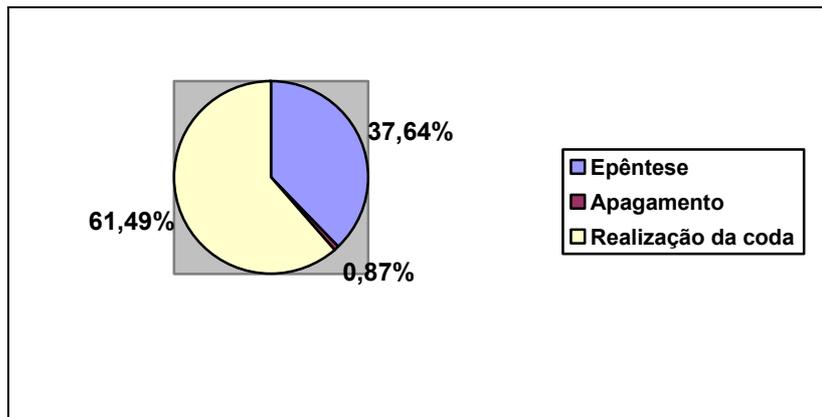


Gráfico 12 – Grupo 2 – Resultados gerais para codas

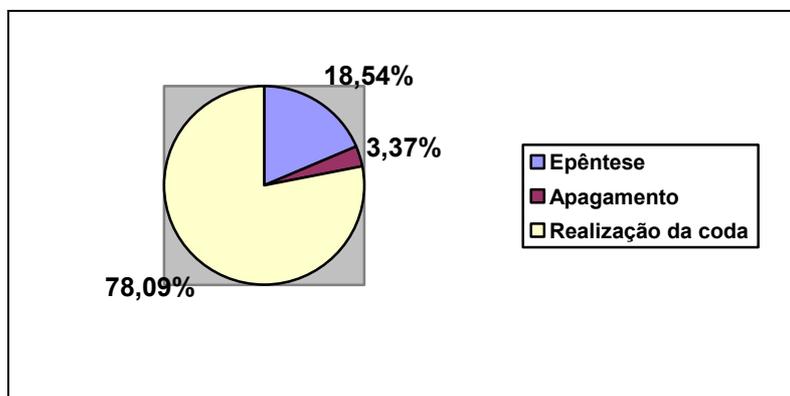


Gráfico 13 – Grupo 3 – Resultados gerais para codas

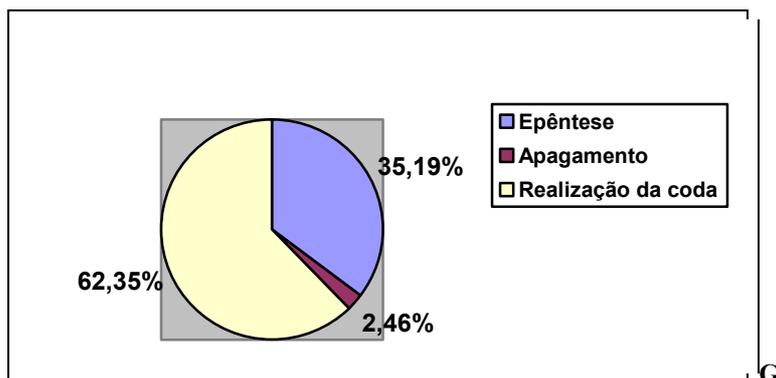


Gráfico 14 – Grupo 4 – Resultados gerais para codas

Apesar de uma alta taxa de realizações de codas, ainda fica uma taxa geral de epênteses ou apagamentos de pouco mais de 28%, sendo 24,93% deles por epêntese (gráfico 8). Confirmamos, assim, uma tendência a evitar o padrão VC ou CVC nas sílabas do PB, mas, também, uma relativa

facilidade do falante em demover a restrição NOCODA a posições inferiores, quando a língua estrangeira o exigir.

### 5.1.4 Demoção das Restrições<sup>27</sup>

#### 5.1.4.1 Ataques complexos

Como já mencionamos anteriormente, é nos ataques complexos que os falantes do PB têm a maior dificuldade. Houve apenas 31,29% de realizações do ataque complexo (gráfico 1), o que indica que a demoção das restrições, na maioria dos casos, não foi feita. Tomando como exemplo o Estudante 1a, vemos que há uma flutuação entre epêntese e realização de ataque complexo. O mesmo aluno leu *scolarité* como [sk]olarité e, em outra leitura, [isk]olarité. Isto mostra uma variação na hierarquia da seguinte forma:

**COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> >> MAX-IO >> DEP-IO**

/skolarite/	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>	MAX-IO	DEP-IO
☞ a. [is.ko.la.ri.te]			*
b. [sko.la.ri.te]	*!		
c. [so.la.ri.te]/[ko.la.ri.te]		*!	

Tableau 16

Que, com a demoção, passa a ser:

**DEP-IO, MAX-IO >> COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>**

<sup>27</sup> Para ler um trabalho que trate de demoções de restrições com maiores detalhes, ver LUCENA, R.M. **Busca por padrões silábicos não marcados no português brasileiro: uma abordagem baseada em restrições**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

/skolarite/	DEP-IO	MAX-IO	COMPLEX-ONS <sub>[O+L]</sub>
a. [is.ko.la.ri.te]	*!		
☞ b. [sko.la.ri.te]			*
c. [so.la.ri.te]/[ko.la.ri.te]		*!	

Tableau 17

Conforme o *tableau* 16 temos a representação da hierarquia reinante no PB, onde o candidato ótimo é [isk]olarité. No caso do *tableau* 17, o falante fez a demção das restrições, onde DEP-IO é hierarquicamente superior a COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>, gerando [sk]olarité como candidato ótimo.

O que podemos notar é que, para que o falante brasileiro realize o ataque complexo como o faz um francês, é preciso que haja duas demções. Primeiramente, COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> deve ser demovido abaixo de MAX-IO. Em seguida, deve haver uma nova demção, para baixo de DEP-IO. Isto se deve ao fato de que, na TO, as demções se dão passo a passo, ou seja, sem pular restrições.

Exemplos assim foram encontrados em toda a pesquisa, com todos os pesquisados. No entanto, como já vimos, a taxa de realizações do ataque complexo, decorrentes da reorganização do ranqueamento das restrições foi de aproximadamente um terço. Quem obteve maior taxa de leituras de ataques complexos foi a Estudante 1b, com 77,84% de leituras sem ressilabificação, enquanto quem obteve menor taxa foi a Estudante 3a, com 18,19% de realizações do ataque complexo. Pelas estatísticas gerais, temos demonstrado que, na maioria dos casos, a demção da restrição COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>, demora para chegar ao ponto em que desaparecem as epênteses.

#### 5.1.4.2 Codas

Aqui, observamos um fato diferente do observado com ataques complexos. A restrição CODACOND parece chegar bem mais rapidamente ao ponto em que desaparecem as epênteses do que COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>. Enquanto, na sessão anterior, vimos que os falantes preferiram fazer a epêntese, para a melhor formação das sílabas, nas codas, os falantes descartaram, em mais de 70% dos casos, o uso da epêntese.

Tomando como exemplo o Estudante 4a, obtivemos a realização da palavra *objet* como o[biz]et, bem como o[bɜ]et. A seguir, temos o *tableau* 18, que demonstra a primeira realização, com

o ranqueamento do PB e o *tableau* 19, a segunda, com o ranqueamento do francês. Assim, passamos de:

**MAX-IO >> CODACOND >> DEP-IO**

/obʒet/	MAX-IO	CODACOND	DEP-IO
☞ a. [ɔ.bi.ʒɛ]			*
b. [ɔb.ʒɛ]		*!	
c. [ɔ.ʒɛ]	*!		

**Tableau 18**

Para:

**MAX-IO, DEP-IO >> CODACOND**

/obʒet/	MAX-IO	DEP-IO	CODACOND
a. [ɔ.bi.ʒɛ]		*!	
☞ b. [ɔb.ʒɛ]			*
c. [ɔ.ʒɛ]	*!		

**Tableau 19**

Assim, onde temos o ranqueamento do PB, obtemos como candidato ótimo o[bɪʒ]et; onde temos o ranqueamento do francês, obtemos o[bʒ]et. O que ocorreu, na maioria dos casos, foi que os pesquisados conseguiram fazer a demoção das restrições de coda e obtiveram, como candidatos ótimos, os mesmos que teria um falante nativo do francês.

O que ocorre, diferentemente dos ataques complexos, é que, para que o falante brasileiro realize as codas, basta uma demoção. A restrição CODACOND deve ser demovida uma vez para baixo de DEP-IO. Isto torna a operação mais simples do que as demoções relativas a ataques complexos.

Observamos, entretanto, que houve maior índice de epênteses quando, seguindo a coda, havia um ataque de maior sonoridade. Em palavras como *adversité* ou *objet*, a presença da epêntese

foi quase categórica. Em certos casos, isto pode até mesmo causar ruído na comunicação. Por exemplo, se o falante faz uma epêntese ao dizer *l'adversité*, o nativo receberá a informação como *la diversité* (*a adversidade* será recebido como *a diversidade*).

Gouskova (2004), com base na Lei do Contato Silábico – tradução nossa – (SCL – Syllable Contact Law), afirma que o padrão menos marcado no encontro entre uma coda e um ataque é a queda da sonoridade, ou seja, o ataque deve ser menos sonoro do que a coda. Ela afirma que há línguas que exigem maior ou menor queda na sonoridade, algumas não exigem queda, mas nenhuma exige aumento de sonoridade. Tampouco existe língua que proíba a queda da sonoridade. Parece plausível afirmar que a queda da sonoridade é exigida no PB.

Para corroborar com a Lei da Sonoridade, observamos que em raros casos houve epêntese em codas com fricativas. Quase todas ocorreram quando a coda era uma oclusiva. Reafirmamos, assim, que o PB exige uma queda de sonoridade mínima após o núcleo da sílaba.

## CONCLUSÃO

O PB aceita muito menos ataques complexos do que o francês. Enquanto o francês possui ataques complexos tanto com ascensão quanto com queda de sonoridade, o PB segue um padrão regular de ascensão de sonoridade, apenas aceitando ataques complexos formados por obstruente + líquida. Ainda assim, nem todas as combinações deste tipo de segmento são aceitas no PB. O francês, ainda, possui ataques complexos com a seqüência de três segmentos, o que é vetado no PB.

Também na posição de coda, observamos que o francês aceita todos os seus fonemas consonantais, enquanto o PB aceita apenas /N/, /R/, /L/ e /S/. As codas complexas no PB são pouco produtivas. Já no francês, há mais seqüências possíveis e uma coda pode chegar a ter quatro segmentos, como é o caso da palavra *dextre*, pronunciada [dɛkstr].

Nosso objetivo, com este estudo, foi analisar com que intensidade o falante do PB faz ressilabificações dos ataques complexos e das codas francesas, através de epênteses, metáteses ou apagamentos e explicar as razões para esse fenômeno. Nossa primeira hipótese era de que todas essas estratégias seriam utilizadas, mas, com maior intensidade, a epêntese, o que foi confirmado. Também tínhamos como hipótese que os falantes com maior quantidade de horas estudadas fariam menor quantidade de ressilabificações, o que não foi confirmado. O que pudemos constatar é que a realização mais ou menos próxima da do nativo depende mais de questões idiossincráticas, como acuidade auditiva e capacidade de realização de sons (pelo menos nos níveis iniciais).

Pudemos observar que o falante do PB consegue, em diversas ocasiões, pronunciar os ataques complexos e codas existentes no francês e inexistentes no PB sem necessidade de ressilabificação. Ou seja, ele consegue demover restrições de marcação como COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> e CODACOND para níveis inferiores a restrições de fidelidade, como MAX-IO e DEP-IO respectivamente. Assim, uma palavra como *slave*, que seria realizada por falantes brasileiros como [iz'lavɪ], pode vir a ser lida como [zlav]<sup>28</sup>. Em outras ocasiões, principalmente em caso de ataques complexos, o falante tem a necessidade de ressilabificar através de apagamento, metátese e, na grande maioria das vezes, epêntese.

Observamos, no entanto, que a demção de restrição específica de ataque complexo para baixo de DEP-IO é uma operação mais complexa do que a demção de restrição específica de coda. Assim sendo, a ocorrência de epêntese naquele caso é notoriamente maior do que neste – 68,12% de

---

<sup>28</sup> A pronúncia mais provável de um nativo seria [slav], sem o vozeamento do s inicial. Porém, questões deste tipo não foram consideradas neste trabalho.

ocorrência de epêntese para ataques complexos, contra apenas 24,93%, para codas. Ou seja, a restrição específica de ataque complexo (COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub>) é mais difícil de ser demovida ao ponto de desaparecimento da epêntese do que a específica de coda (CODACOND). Isto se deve ao fato de haver mais demissões necessárias para COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> do que para CODACOND. Trata-se de um fenômeno curioso, tendo em vista que a quantidade de ataques complexos no português é quase quatro vezes superior à quantidade de codas.

Podemos então inferir que o ataque complexo, no PB, é visivelmente menos marcado que a coda. Porém, aparentemente, um ataque complexo que não obedece à condição obstruinte + líquida é uma formação mais marcada do que uma coda que não obedece à condição /S, N, R, L/. Nos termos da Teoria da Otimidade, a restrição geral NOCODA é hierarquicamente superior à restrição \*COMPLEX-NOS, enquanto a restrição específica COMPLEX-ONS<sub>[O+L]</sub> estaria ranqueada acima da restrição CODACOND. Esta é uma possível explicação que encontramos para o fenômeno e que merece maiores estudos dedicados a ela.

Ficando constatada a ocorrência dessas diversas ressilabificações, cabe um estudo na área de lingüística aplicada a este respeito, a fim de aumentar, no estudante de língua francesa, falante nativo do PB, a capacidade de adotar o ranqueamento de restrições vigente no francês, diminuindo a ocorrência de epênteses e melhorando a pronúncia tanto dos ataques complexos quanto das codas.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M. Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos. In: **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonético-fonológicos**. C.L.M. Hernandorena. Pelotas: EDUCAT/ALAB. p. 63-85. 2001.
- ABRY, D. ; CHALARON, M.L. **Phonétique: 350 exercices**. Paris: Hachette F.L.E., 1997.
- ALVES, U.K. e ZIMMER, M.C. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão. In: **Revista Linguagem & Ensino**, V. 10, n. 2 - Jul/Dez, 2006.
- AUER, P.; BARDEN, B. & GROSSKOPF, B. Subjective and objective parameters determining 'salience' in long-term dialect accommodation. **Journal of Sociolinguistics**, 2/2. Oxford: *Blackwell*, 1998.
- CARDOSO, W.; DENIS, L. When input frequency patterns fail to drive learning: Evidence from Brazilian Portuguese English. In: B. Baptista, A. Rauber, and M. Watkins (eds.), **Recent Research in Second Language Phonetics/Phonology: Perception and Production**, p. 174-202. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars, 2009.
- CHOMSKY, N. A review of B.F. Skinner's verbal behavior in **Fodor**. and **J.J.Katz**. (1968). *The Structure of Language*. Englewood Cliffs. Prentice Hall.
- CHOMSKY, N. *Topics in the Theory of Generative Grammar*. Paris: Mouton, 1972.
- CORDER, S. The significance of learners errors. **International Review of Applied linguistics** 5/4. pp 161-170, 1967.
- COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**, BISOL, L. Porto Alegre. EDIPUCRS: 1999.
- ESCADA, D. Aprendizagem do Francês Língua Estrangeira no 1º Ciclo. IN: **Educação & Comunicação**, n. 7, p. 64-75, 2002.
- FÉRY, C. Markedness, faithfulness, vowel quality and syllable structure in French. **Linguistics in Potsdam**, n. 15, 2001.
- FLEGE, J.E. Interactions between the native and second-language phonetic systems. In: BURMEISTER, P.; PIRSKE, T.; RHODE, A. (Ed.) **An integrated view of language development: papers in honor of Henning Wode**. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, 2002. p. 217-243.

- FRIES, C. *Teaching and Learning English - As a Foreign Language*. Ann Arbor. University of Michigan Press, 1945.
- GILES, H. The Dynamics of Speech Accommodation, **International Journal of the Sociology of Language**, 46, 1984.
- GOUSKOVA, M. Relational hierarchies in OT: the case of Syllable Contact. **Phonology** 21:2, p. 201-250, 2004.
- HORA, D. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: Luiz Carlos Travaglia. (Org.). **Encontro na Linguagem: estudos lingüísticos e literários**. Uberlândia: EDFU, 2006, v. , p. 81-102.
- HULST, H. SMITH, N. **The structure os phonological representations**. Dordrecht: Foris, 1982.
- KAHN, D. **Syllable-based generalizations in English Phonology**. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass: MIT, 1976.
- KEAN, M. Core issues in transfer. In: **Kellerman, E & Sharwood Smith, M** (eds), 1986.
- LOISEAU, Y. e MÉRIEUX, R. **Conexions: méthode de français**. Didier: Paris, 2004.
- LUCENA, R.M. **Busca por padrões silábicos não marcados no português brasileiro: uma abordagem baseada em restrições**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- MCGARRITY, L.W. **Constraints on Patterns of Primary and Secondary Stress**. Tese de Doutorado. Indiana University, 2003.
- MAGALHÃES, J.S. **O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**. Tese de Doutorado. PUC RS, Porto Alegre, 2004.
- MARCO, M. **A Fonologia na Aquisição Precoce de uma LE**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Catolica de Pelotas, 2003.
- MAZURKEWICH, I. (1984). 'The acquisition of the dative alternation by second language learners and linguistic theory'. In **White, L** (1989). **Universal Grammar and Second Language Acquisition**. Philadelphia. John Benjamins Publishing Company.
- MCCARTHY, J.J. **A Thematic Guide to Optimality Theory**. Cambridge University Press, 2002.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality theory: constraint interaction in generative grammar**. Rutgers University, 1993.

SCARPA, E.M. Marcado vs. não-marcado na aquisição e na afasia. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** XXXIV, p. 839-844, 2005.

SELINKER, L. Interlanguage (1972). IRAL10/3 pp 209-231.

SELKIRK, E.O. The syllable. (1982) In: GOLDSMITH, John A. (ed.) **Phonological theory: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 1999.

SILVA, T.C. O Ensino de Pronúncia de Língua Estrangeira. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; Pacheco, Vera; Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso (Org.). **Em Torno da Língua(gem): Questões e Análises**. Vitória da Conquista.: Edições Uesb, 2007, v., p. 71-83.

SKINNER, B. Verbal Behavior. New York. Appleton-Century-Crofts, 1957.

TROUBETZKOY, N. **Grundzüge der Phonologie**. Göttingen: Vandenhoeck; Ruprecht, 1939.

OLIVEIRA, A.S.C. (Org.). **Em Torno da Língua(gem): Questões e Análises**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, v., p. 71-83.

POWELL, G. What is the Role of Transfer in Interlanguage? **CRILE Publications**: Lancaster, 1998.

VITÓRIA, R.T. Transferências Fonotáticas do Português para a língua inglesa em Situação de Aquisição: A Produção de Clusters com Início /S/. **Revista Letra Magna**, 2007.

## ANEXO I

### Estatísticas individuais

#### Estudante 1a

SÉRIE I – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	21	63,64%
Ataque complexo	12	36,36%

SÉRIE II – 32 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	25	78,13%
Ataque complexo	7	21,87%

SÉRIE III – 77 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	2	2,60%
Apagamento	6	7,79%
Coda	69	89,61%

SÉRIE IV – 93 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	16	17,20%
Apagamento	11	11,83%
Coda	66	70,97%

#### Estudante 1b

SÉRIE I – 27 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	1	3,7%
Ataque complexo	26	96,3%

SÉRIE II – 32 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	13	40,62%
Ataque complexo	19	59,38%

SÉRIE III – 80 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Apagamento	5	6,25%
Coda	75	93,75%

SÉRIE IV – 86 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	11	12,79%
Apagamento	2	2,33%
Coda	73	84,88%

**Estudante 2a**

SÉRIE I – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	9	27,27%
Ataque complexo	24	72,73%

SÉRIE II – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	22	66,67%
Ataque complexo	11	33,33%

SÉRIE III – 79 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	26	18,99%
Coda	64	81,01%

SÉRIE IV – 94 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	23	28,72%
Coda	67	71,28%

**Estudante 2b**

SÉRIE I – 31 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	31	100%
Ataque complexo	0	0%

SÉRIE II – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	25	75,76%
Ataque complexo	8	24,24%

SÉRIE III – 87 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	48	55,17%
Coda	39	44,83%

SÉRIE IV – 88 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	34	38,64%
Apagamento	3	3,41%
Coda	51	57,95%

**Estudante 3a**

SÉRIE I – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	30	90,90%
Ataque complexo	3	9,1%

SÉRIE II – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem em relação aos onsets complexos
Epêntese	24	72,73%
Ataque complexo	9	27,27%

SÉRIE III – 88 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	27	30,68%
Apagamento	3	3,41%
Coda	58	65,91%

SÉRIE IV – 96 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	13	13,54%
Apagamento	4	4,17%
Coda	79	82,29%

**Estudante 3b**

SÉRIE I – 30 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	19	63,33%
Apagamento	1	3,34%
Ataque complexo	10	33,33%

SÉRIE II – 30 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	26	86,67%
Ataque complexo	4	13,33%

SÉRIE III – 85 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Apagamento	2	2,35%
Coda	83	97,65%

SÉRIE IV – 87 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	26	29,89%
Apagamento	3	3,44%
Coda	58	66,67%

**Estudante 4a**

SÉRIE I – 33 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	24	72,73%
Ataque complexo	9	27,27%

SÉRIE II – 32 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	25	75,76%
Apagamento	2	9,09%
Ataque complexo	5	15,15%

SÉRIE III – 81 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	26	32,10%
Apagamento	1	1,23%
Coda	54	66,67%

SÉRIE IV – 93 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	39	41,94%
Apagamento	6	6,45%
Coda	48	51,61%

**Estudante 4b**

SÉRIE I – 30 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	27	90%
Ataque complexo	3	10%

SÉRIE II – 30 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	22	73,33%
Ataque complexo	8	26,67%

SÉRIE III – 71 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	16	22,54%
Apagamento	1	1,40%
Coda	54	76,06%

SÉRIE IV – 79 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	33	41,77%
Coda	46	58,23%

## ANEXO II

### Estatísticas por grupo

#### GRUPO 1

##### ATAQUES

SÉRIES I e II – 124 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	60	48,39%
Ataque complexo	64	51,61%

##### CODAS

SÉRIES III e IV – 336 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	29	8,63%
Apagamento	24	7,14%
Coda	283	84,23%

#### GRUPO 2

##### ATAQUES

SÉRIES I e II – 130 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	87	66,92%
Ataque complexo	43	33,08%

##### CODAS

SÉRIES III e IV – 348 ocorrências		
Fenômeno	Quantidade	Porcentagem
Epêntese	131	37,64%
Apagamento	3	0,87%
Coda	214	61,49%

**GRUPO 3****ATAQUES**

<b>SÉRIES I e II – 126 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	99	78,57%
Apagamento	1	0,8%
Ataque complexo	26	20,63%

**CODAS**

<b>SÉRIES III e IV – 356 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	66	18,54%
Apagamento	12	3,37%
Coda	278	78,09%

**GRUPO 4****ATAQUES**

<b>SÉRIES I e II – 125 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	98	78,4%
Apagamento	2	1,6%
Ataque complexo	25	20%

**CODAS**

<b>SÉRIES III e IV – 324 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	114	35,19%
Apagamento	8	2,46%
Coda	202	62,35%

## ANEXO III

### Estatísticas gerais

<b>SÉRIE I – 250 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	162	64,8%
Apagamento	1	0,4%
Ataque complexo	87	34,8%

<b>SÉRIE II – 255 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	182	71,37%
Apagamento	2	0,79%
Ataque complexo	71	27,84%

<b>SÉRIE III – 648 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	145	22,38%
Apagamento	18	2,77%
Coda	485	74,85%

<b>SÉRIE IV – 716 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	195	27,23%
Apagamento	29	4,05%
Coda	492	68,72%

### ATAQUES

<b>SÉRIES I e II – 505 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	344	68,12%
Apagamento	3	0,59%
Ataque complexo	158	31,29%

### CODAS

<b>SÉRIES III e IV – 1364 ocorrências</b>		
<b>Fenômeno</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Epêntese	340	24,93%
Apagamento	47	3,44%
Coda	977	71,63%

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)